

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Bruna da Silva Branco

**LÍNGUA DE SINAIS COMO OBJETO DE CONSUMO E A FORMAÇÃO EM
LETRAS LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO**

Porto Alegre
2019

Bruna da Silva Branco

**LÍNGUA DE SINAIS COMO OBJETO DE CONSUMO E A FORMAÇÃO EM
LETRAS LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadoras:

Prof.^a Dra. Lodenir Becker Karnopp

Prof.^a Dra. Adriana da Silva Thoma (In memoriam)

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Branco, Bruna da Silva

Língua de Sinais como Objeto de Consumo e a Formação
em Letras Libras como Investimento em Capital Humano /
Bruna da Silva Branco. -- 2019. 92 f.

Orientadoras: Lodenir Becker Karnopp e Adriana da Silva Thoma
(In memoriam).

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Professores Surdos. 2. Letras Libras. 3. Experiências.
4. Capital Humano. 5. Consumo. I. Karnopp, Lodenir Becker,
orient. II. Título.

Bruna da Silva Branco

**LÍNGUA DE SINAIS COMO OBJETO DE CONSUMO E A FORMAÇÃO EM
LETRAS LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 29 jul. 2019.

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp (PPGEDU/UFRGS) – Orientadora

Profa. Dra. Magali Mendes de Menezes (PPGEDU/UFRGS)

Profa. Dra. Liliane Ferrari Giordani (FACED/UFRGS)

Profa. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin (UFSM)

Dedico este trabalho para a comunidade surda, que me deu uma semente para me tornar uma árvore com raiz de conhecimento da minha língua e cultura surda.

AGRADECIMENTOS

Meu querido mestrado, foram 2 anos de maturidade como maçã;
Minha mãe, Nara Regina da Silva, eterna heroína;
Meu marido, Cláudio Henrique Nunes Mourão, para onde for as mãos, nós iremos;
Meu querido Dionísio Hessel Silveira Mourão, aprendiz da vida;
Mimos Lili e Didi, aumenta minha alegria;
Minhas famílias Branco e Silva, obrigada por acreditar em mim;
Luzia Deitos Flores, amiga-irmã que me entende;
Márcia Figueiró Kalamarz, pelas melhores risadas;
Raoni Santos, obrigada por todas as vezes que você me ajudou apenas a sinalizar;
Marcelo Lorensi Bertoluci, ligação indescritível;
Carolina Hessel Silveira, motivadora;
Minha ex-orientadora Adriana da Silva Thoma, que virou estrela-guia;
Minha orientadora Lodenir Becker Karnopp, gratidão pelo acolhimento com carinho;
A minha tradutora Marisa Berkenbrock dos Santos, minha voz;
CAPES, gratidão pelo tempo e bolsa aos estudos;
Colegas PPGEDU, vocês foram como manual de caminho do mestrado;
TILS, gratidão por interpretar todas as aulas e reuniões;
Banca examinadora, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Magali Mendes de Menezes, Lilians Giordani, são incríveis;
Referências Bibliográficas, gratidão por me colocar no caminho, sem vocês, não conseguiria me expressar.

RESUMO

Nesta dissertação, desenvolvo a temática sobre experiências que são narradas por professores surdos, tendo como eixo contribuições de estudos desenvolvidos no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos. A pesquisa objetiva analisar narrativas com base em entrevistas realizadas com seis professores surdos, egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras do pólo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que fizeram dessa sua segunda graduação. A pesquisa tem como pergunta: a Língua de Sinais, principal marca surda, pode ser entendida como objeto de consumo e a formação para a docência em Letras Libras um investimento em capital humano? Desse modo, o objetivo geral é analisar as experiências de formação e atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras, do polo da Universidade Federal de Santa Maria. Assim, apresento dois objetivos específicos (a) analisar as experiências de formação em dupla graduação, bem como a atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras do polo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); (b) Investigar o consumo e o investimento em capital humano, considerando a Libras e o ensino da Libras. Nos resultados das análises, destaco a construção dos processos de consumo dos sujeitos, tanto da tecnologia quanto do Letras Libras. E sobre o investimento em capital humano, os entrevistados mostram que investem suas formações acadêmicas para o ensino de Libras. As narrativas das entrevistas foram produzidas em língua de sinais. O trabalho também se propõe a refletir sobre as contribuições desses professores para a comunidade surda.

Palavras-chave: **Professores Surdos. Letras Libras. Experiências. Língua de Sinais. Educação de Surdos.**

BRANCO, Bruna da Silva. **Língua de Sinais como Objeto de Consumo e a Formação em Letras Libras como Investimento em Capital Humano**. Orientadora: Lodenir Becker Karnopp. UFRGS, 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ABSTRACT

This master's thesis addresses experiences narrated by deaf teachers, under a research axis that resorts to contributions in the field of Cultural Studies in Education, and Deaf Studies. It analyzes narratives collected from interviews with six deaf teachers, former graduates from the first distance-learning undergraduate program in Letras Libras (a degree in the *Brazilian Sign Language – Libras*) in Brazil, who attended face-to-face encounters at the Federal University of Santa Maria (UFSM), being Letras Libras their second undergraduate degree from a university. The study sought to investigate whether the Sign Language, the deaf people's main mark, can be understood as an object of consumption and whether a teaching degree in Letras Libras can be seen as an investment in human capital. In this regard, the overall objective here is to examine experiences with the undergraduate training and the teaching practice, reported by deaf teachers whose second undergraduate degree is Letras Libras, from the pioneer first class since the distance-learning program's inception in 2006 by the Federal University of Santa Catarina, Brazil, being UFSM one of the face-to-face centers. Therefore, the two specific objectives of the present study are: (a) to analyze experience reports of deaf teachers, already holding two university degrees, about their training during the undergraduate program and their subsequent teaching practice; and (b) to investigate consumption and investment in human capital as regards the Letras Libras undergraduate training. The results of the analysis emphasize the construction of the individuals' consumption processes, in terms of both technology and the Letras Libras degree, and show that, in terms of human capital investment, they invest their academic backgrounds in teaching Libras. The interviews were conducted in the Brazilian Sign Language, thus the study also reflects upon the contributions of such teachers to the deaf community.

Keywords: Deaf Teachers, Letras Libras. Experiences. Sign Language. Deaf Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Trabalhos Selecionados	30
Quadro 2 – Conhecendo os currículos vitae dos entrevistados.....	31
Quadro 3 – Egressos do curso de Licenciatura em Letras Libras de 2006 que possuíam uma graduação anterior.....	33
Quadro 4 – Cronograma das entrevistas.....	37
Quadro 5 – Tempo de Entrevista.....	38
Figura 1 – III Encontro Nacional e Professores da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior – ENPLES.....	69
Figura 2 – Projeto Spread the sign.....	75
Figura 3 – Projeto Spread the sign.....	75
Figura 4 – Tirinha do Diogo Madeira.....	76
Figura 5 – Tirinha do Diogo Madeira 2	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCE – Centro de Comunicação e Expressão
CED – Centro de Educação
CEFET/GO – Centro Federal de Formação Tecnológica de Goiás
CEFET/MG – Centro Federal de Formação Tecnológica de Minas Gerais
CEFET/RN – Centro Federal de Formação Tecnológica do Rio Grande do Norte
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENPLES – Encontro Nacional de Professores da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior
FADERS – Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GIPES – Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Educação de Surdos
IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFF – Instituto Federal Farroupilha
IFMG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
MEC – Ministério da Educação
NAD – National Association for the Deaf
NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos
PEC – Programa de Educação Continuada
PNE – Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação
PROLIBRAS – Proficiência em Língua de Sinais Brasileira
SEAD – Secretaria de Educação a Distância
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SINAIS – Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Alteridade, Identidades e Subjetividades
SSRS – Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UEPA – Universidade Estadual do Pará
UFGD – Universidade Federal de Grande Dourados
UFMA – Universidade Federal Maranhão
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFPR – Universidade Federal de Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UNB – Universidade de Brasília
Unicamp – Universidade de Campinas
USP – Universidade de São Paulo
UTP – Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	12
1	CONTEXUALIZAÇÃO DA PESQUISADORA E DA PESQUISA.....	19
1.1	SURDA PESQUISADORA: MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E OS MOTIVOS QUE ME LEVAM A INVESTIGAR A TEMA.....	22
1.2	CONTEXUALIZAÇÃO DO CURSO DE LETRAS LIBRAS EAD.....	25
1.3	ESTADO DO CONHECIMENTO.....	29
1.4	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	33
1.5	ESTUDOS SURDOS E ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS EM SUAS PUBLICAÇÕES.....	39
2	LIBRAS COMO EXPERIÊNCIA E MARCA SURDA DOS PROFESSORES SURDOS.....	43
3	LIBRAS COMO OBJETO DE CONSUMO?.....	52
4	A FORMAÇÃO EM LETRAS LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICEA –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	91

APRESENTAÇÃO

O leitor tem em mãos um livro que pode levá-lo a perceber, de um novo ponto de vista, características importantes da sociedade neoliberal e, assim, adquirir maior inteligibilidade sobre o que acontece com ela e consigo próprio. (SANTOS, 2007, p. 11).

A citação acima aponta meu interesse em relação ao tema de pesquisa, uma vez que, no cenário de governo biopolítico contemporâneo, se tem o intuito de “[...] regular a vida da população por meio de processos de regulamentação e de normalização [que] têm como objetivo potencializar e maximizar a vida para que todos vivam mais e com mais qualidade [...]”. (THOMA 2016, p. 758).

Percebemos que, durante as últimas décadas, os sujeitos surdos têm investido em sua formação e em produções acadêmicas para sua qualificação profissional, uma possibilidade viabilizada pela Lei da Libras nº 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005. Com isso, profissionais, surdos e ouvintes, já formados em áreas diversas, que trabalhavam sem esse amparo legal, sem formação específica na área de Libras, resolveram realizar o curso de graduação em Letras Libras. Dessa forma, buscavam complementar sua formação, atuando com maior propriedade e conhecimento acerca de sua língua e dos materiais didáticos. Além disso, poderiam trabalhar em cursos superiores, conforme indicado pela legislação, já que a disciplina de Libras tornou-se obrigatória nas licenciaturas, nos cursos de fonoaudiologia e, nos demais cursos, uma disciplina optativa.

É importante destacar a atuação do movimento surdo em defesa da língua de sinais e da educação de surdos. Nesse sentido, o documento “EDUCAÇÃO QUE NÓS SURDOS QUEREMOS” (FENEIS, 1999) foi organizado pela comunidade surda durante o pré-congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos. Isso evidencia todo o processo de luta, de árdua batalha pelo direito à cidadania, pelo direito dos surdos em serem vistos pela sociedade como cidadãos – essa é uma defesa e uma conquista da luta dos movimentos surdos.

Segundo Flaviane Reis (2015), o documento era importante para a comunidade surda como nova oportunidade profissional para professores surdos e, também, para abrir os espaços nas universidades para a formação dos professores surdos, de modo que pudessem trabalhar com o número crescente de alunos surdos. A formação profissional, tratada nesse documento (FENEIS, 1999 - Seção 3), demanda a

formação de professores surdos, pois os cursos na área de Língua de Sinais ainda não haviam sido incluídos no currículo de graduação em Licenciatura nas universidades. Segundo Reis (2015, p. 34):

[...] podemos começar a contar da nossa história de experiência dos movimentos dos professores surdos na Educação Superior com as possibilidades de mostrar uma forma de significação e de representações dos professores surdos depois de luta pelo documento reconhecido em 1999.

Graciele Kraemer (2011, p. 08) analisou as estratégias de governo dos sujeitos surdos na e para a inclusão escolar, por meio de um conjunto de “[...] documentos produzidos pela comunidade surda e documentos legais do Ministério da Educação (MEC) referentes à educação de surdos e à educação inclusiva, compreendendo o recorte temporal de uma década – período de 1999 a 2009”. Os resultados de sua pesquisa mostram que são “operadas diferentes estratégias de governo dos surdos no campo educacional contemporâneo”, destacando “[...] as estratégias de acessibilidade para a constituição de condutas surdas participativas e as estratégias de governo pela certificação e difusão do uso da Libras” (KRAEMER, 2011, p. 08). Ainda segundo a autora, os documentos que analisou “corroboram, cada uma em sua singularidade, ao projeto nacional de inclusão dos sujeitos surdos na escola comum”:

Desde a movimentação da comunidade surda e a construção do documento elaborado em 1999 e intitulado *A educação que nós surdos queremos* (FENEIS, 1999) aos documentos produzidos pelo Ministério da Educação, todos os materiais analisados contribuem para colocar em funcionamento condições de possibilidade para a inclusão dos surdos na escola comum. Ainda que o documento da FENEIS colocasse como demanda escolas bilíngues para surdos, ele acabou sendo reinterpretado pela política de inclusão e, de certo modo, colaborando para sua implementação. (KRAEMER, 2011, p. 132-133).

Assim, vemos que, no contexto da política de inclusão, a oficialização e disseminação da Libras, além de ser uma conquista dos surdos por seus direitos, pôde ser considerada útil para a política de inclusão, uma vez que, a partir do Decreto 5.626/2005, todos os professores passam a ter Libras como disciplina obrigatória e, por isso, não podem mais justificar que “não sabem trabalhar com surdos ou ouvintes como segunda língua”. Da mesma forma, colabora com os interessados no conhecimento mais aprofundado da língua para o mercado de trabalho, empresas ou outros espaços no qual surdos e ouvintes se encontram, profissionalmente. Sobre o

período de lutas dos surdos pela oficialização da Libras, Fábio Brito (2013, p. 16) escreve:

[...] estávamos convencidos, por diversas razões, que essa lei era um fato histórico relevante tanto pelo que ela representara como ponto de chegada quanto pelo que ela significava como ponto de partida no processo contínuo por meio do qual os surdos sinalizadores brasileiros, isto é, aqueles que são usuários da língua de sinais, reivindicavam e buscavam garantir a efetivação dos seus direitos linguísticos.

Do meu ponto de vista, o que de mais importante a lei nos trouxe foram as provocações, o quanto ela nos instiga a conectar esforços cotidianamente no uso da língua, e vimos isso se espalhar pelo Brasil de forma muito assertiva. Não somente por conta do trabalho, mas também pelos fatores anteriormente expostos, no que tange à cidadania do sujeito surdo, satisfação no convívio, sentimento de equidade com os demais, seja no trabalho, em espaços sociais, nas oportunidades. A lei nos incita, com todas as suas orientações ao autoconhecimento, conhecimento da nossa língua. Realmente são propostas que acrescentaram, e muito, na vida da pessoa surda.

Para complementar essa percepção, apresento a ponderação realizada por Canclini (2008, p. 35):

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades.

O sentido de pertencimento e a satisfação das necessidades depende das condições que cada sujeito tem para se desenvolver e se inserir na sociedade. Atualmente, as pessoas têm buscado oportunidades no mercado de trabalho, vagas de emprego, mas, aqui, compreendo isso não somente como uma ocupação, mas como esse trabalho é politicamente pensado, ou seja, o investimento de capital humano. Cito Bauman (2008, p. 15), quando indica que “As pessoas em busca de trabalho precisam ser adequadamente nutridas e saudáveis, acostumadas a um comportamento disciplinado e possuidoras das habilidades exigidas pelas rotinas de trabalho dos empregos que procuram”. Ao ler sobre seus pensamentos, compreendo sua crítica em relação à sociedade, continuamente preocupada em trabalhar e ter seus salários. Não mais satisfeita, a sociedade parte para uma nova fase, bem diferente, numa busca incessante por formação continuada. Esses complementos de

formação podem ser resultado da busca de qualificação; o estudo pode ser em níveis diferentes, seja numa graduação, especialização, mestrado, assim por diante, sempre atentos às novidades, sem parar, igual ao que vemos acontecer com a tecnologia, constantemente inovando-se.

Assim, percebo a busca dos professores surdos, graduados em Letras Libras, pela questão de acessibilidade do material, dos novos vocabulários em Libras, dos conhecimentos que podem ser absorvidos nos estudos. Percebo também um investimento na melhoria da própria prática de ensino, um maior conhecimento e qualificação na escrita do português e publicações de artigos, culminando num currículo adequado, numa performance apta a ingressar em concursos e no ensino superior. Ressalto que esse ainda é um espaço recente, pois, antes do Decreto 5.626/2005, não se compreendia a academia como um local cabível para a comunidade surda.

Esses são alguns dos aspectos inerentes à modernidade líquida, comentada por Bauman (2008), pois atualmente nos é exigido isso, que seja constante o processo pela busca da formação, da qualificação profissional e, por consequência, um apoderamento do ser cidadão. Assim, segundo ele “[...] o ambiente existencial que se tornou conhecido como ‘sociedade de consumidores’ se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo” (BAUMAN, 2008, p. 19).

Com base nessas questões, surgiu o interesse em investigar sobre a experiência em relação à dupla formação acadêmica de professores surdos no ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mais especificamente, a experiência de surdos que já tinham uma graduação e, ao ser ofertado o curso de licenciatura em Letras Libras, fizeram essa formação como segunda. Assim, a pesquisa tem como pergunta: a Língua de Sinais, principal marca surda, pode ser entendida como objeto de consumo e a formação para a docência em Letras Libras um investimento em capital humano? Desse modo, o objetivo geral é analisar as experiências de formação e atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras, do polo da Universidade Federal de Santa Maria.

Segundo Larrosa (2015, p. 25), “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm [...]”, por isso não me interessam apenas narrativas sobre os conhecimentos e informações que aprenderam nas disciplinas, mas o que

essa formação trouxe de transformação na vida de cada um. Assim, apresento dois objetivos específicos (a) analisar as experiências de formação em dupla graduação, bem como a atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras do polo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); (b) Investigar o consumo e o investimento em capital humano, considerando a Libras e o ensino da Libras.

Para alcançar esses objetivos, minha primeira estratégia metodológica foi conhecer a turma do polo de Santa Maria. Entre os 46 estudantes surdos, encontrei 24 que têm formação em Letras Libras como segunda graduação. Entretanto, conforme orientações recebidas na banca de qualificação de mestrado, era necessário reduzir ainda mais a quantidade de entrevistados, pois havia necessidade de realização de filmagem e tradução das entrevistas. Desse modo, o recorte feito considerou o tempo de experiência acadêmica e por isso escolhi entrevistar seis surdos que estavam cursando ou que já haviam concluído o mestrado ou doutorado. Esse grupo foi convidado a participar da pesquisa por meio de entrevistas individuais para narrar suas experiências.

Cabe destacar que esta pesquisa de mestrado esteve vinculada à linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação e ao projeto Inclusão, Subjetivação e Governo das Diferenças na Educação, desenvolvida pelo grupo de pesquisa *SINAIS: Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Alteridade, Identidades e Subjetividades*, sob coordenação da professora Adriana Thoma, até novembro de 2018. Segundo consta no projeto citado, o objetivo geral da pesquisa era “[...] investigar como a inclusão, entendida como um direito e um imperativo de Estado, se constitui como uma estratégia para o governo das diferenças através de processos de subjetivação que se dão a partir da educação” (THOMA, 2016 p. 07). Ainda sobre as investigações desenvolvidas pelo nosso Grupo de Pesquisa,

[...] analisamos como a população escolar surda e seus professores vêm sendo subjetivados e constituídos como sujeitos que devem assumir determinadas condutas de cuidado de si e com o outro, condutas estas que visam a colaborar no gerenciamento do risco da exclusão e produzir formas de potencializar uma participação ativa e produtiva dos surdos na sociedade. (THOMA, 2016, p. 756)

No início de dezembro de 2018, precisei substituir a orientadora Adriana Thoma, em virtude de seu prematuro falecimento. A professora Lodenir Karnopp, da

mesma linha de pesquisa, assumiu a orientação. A partir disso, comecei a intensificar minha participação nas discussões realizadas no Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES/DGP/CNPQ), que colaboraram para os meus estudos. Discutimos noções de Bauman (1998; 2008) sobre vidas para o consumo, bem como sobre a experiência, a partir de Larrosa (2015) e outros autores que trabalham na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, e que são trazidos para dialogar com este trabalho.

A dissertação foi organizada e subdividida em quatro capítulos. Após esta apresentação inicial, no capítulo primeiro trago a Contextualização da pesquisadora e da pesquisa, seguindo com a temática que explicita sobre Surda pesquisadora, partindo para a contextualização do curso Letras Libras, o Estado do conhecimento relacionado aos temas pesquisados, discorrendo sobre as palavras-chave compreendidas como principais na pesquisa e outras investigações que colaboram com o trabalho, as quais foram localizadas em bancos de Teses e Dissertações, apresentando os aspectos metodológicos para o desenvolvimento da produção de dados e das análises, incluindo as entrevistas realizadas com os egressos da primeira turma do Letras Libras – Polo UFSM, investigando suas experiências e suas necessidades em buscar formação continuada – ou seja, quais motivos os levaram à busca do conhecimento nessa área e por que não estagnaram em suas formações iniciais?

O capítulo dois contempla a Libras como experiência e marca surda. Para isso, apresento conceitos que abordam a Libras enquanto experiência do sujeito surdo, explicando como ela constitui o sujeito, quais as mudanças identificadas pelas pessoas que fazem uso da Libras, sobre sua identidade, sua cultura, compreendendo o processo de transformação e subjetividade.

O capítulo terceiro explica sobre Libras como objeto de consumo. Desenvolve o conceito de Libras enquanto objeto de consumo, não com enfoque mercadológico, pois busca compreender como a Libras pode ser entendida como um objeto de consumo. Também tem o objetivo de analisar as entrevistas para observar a construção dos processos de consumo das tecnologias e do Letras Libras, dos professores surdos. O conceito de consumidorização será desenvolvido nesse capítulo.

O capítulo quatro trata da formação em Letras Libras como investimento em capital humano. Esse capítulo se destina a versar sobre os 06 entrevistados e suas

formações, mostrar os investimentos em sua formação, verificando seus currículos Lattes e quais informações constam, se já possuem alguma especialização, mestrado, doutorado, dentre outros cursos possíveis de constarem em seus currículos e, ainda, verificar o que expressam sobre o Letras Libras. No último capítulo, trago as considerações finais.

Tendo em vista o processo de escrita da dissertação, a qual deve ser realizada em língua portuguesa, minha segunda língua, para registro deste texto considerei importante solicitar a tradução do trabalho, que foi realizada em parte por um profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, em outra parte, por uma Tradutora e Intérprete de Libras contratada de forma particular por mim, devido à grande demanda dos profissionais da universidade.

No processo tradutório e de escrita, sentamos juntas em frente à tela do computador, com o *software* Word aberto e com a minha proposta. Nos momentos de dúvidas em relação ao texto, fiz esclarecimentos sinalizados, explicando em minha primeira língua, a Libras, fazendo uma revisão do que eu estava querendo expressar, complementando o texto com palavras que eu havia omitido ou usado de outro modo. Ambas as versões, a minha e a elaborada com o intérprete de Libras, costumavam ser salvas e apresentadas à orientadora para discussões sobre as adequações realizadas. Além disso, também gravei algumas partes em vídeo e solicitei aos intérpretes que fizessem a tradução destes, posteriormente analisados por mim e pela orientadora.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISADORA E DA PESQUISA

Não quero ficar repetindo o que foi dito, mas não posso ignorar passagens importantes da história, mesmo que elas já tenham sido contadas por outros (LOPES, 2007, p. 39).

Assim como Maura Lopes coloca, na epígrafe com a qual inicio este capítulo, não quero repetir o que tantos outros já disseram. Mas penso ser importante trazer alguns aspectos da história da educação de surdos e elementos que foram marcantes na comunidade surda para contextualizar a pesquisa que estou desenvolvendo.

A partir de década de 1980, as lutas do movimento social da comunidade surda se intensificaram. Na pesquisa de Fábio Brito (2013), encontramos estudos sobre a trajetória dessas lutas, do percurso da história até a oficialização da Lei de Libras. Segundo o autor, as reivindicações se tornaram mais intensas

[...] quando uma geração pioneira de ativistas surdos passou a reivindicar o direito de as pessoas surdas contarem com a provisão de intérpretes para poderem utilizar a sua forma de comunicação em sinais quando elas fossem atendidas por instituições públicas e privadas, nas mais diversas áreas, como saúde e justiça. Outra solicitação era que esse modo de comunicação fosse adotado na educação dos alunos surdos que dela necessitassem nas escolas especiais (BRITO, 2013, p. 29).

De acordo com Brito, essa caminhada, acompanhada das lutas e conquistas, demarca também as mudanças do sujeito surdo, do empoderamento sobre quem ele é, da sua língua, do reconhecimento de sua trajetória histórica e os êxitos obtidos. Participando de toda essa fase, a FENEIS, instituição com sede no Rio de Janeiro e em outros Estados, com extensão no Rio Grande do Sul, criada no ano de 1996, exerceu forte influência, no estado do Rio Grande do Sul, sobre os surdos, os movimentos sociais, juntamente com a UFRGS, por meio do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), coordenado pelo professor Carlos Skliar, entre os anos de 1997 e 2004. O NUPPES era formado por “[...] um grupo de educadores envolvidos na Educação de Surdos, entre eles a primeira acadêmica surda a participar de um Curso de Mestrado no país” (THOMA; KLEIN, 2010, p. 110-111).

A primeira doutora surda da América Latina, Gladis Perlin, pondera: “Ser diferente é correr o risco. É sair da normalidade da norma, é estar no ser outro. É viver

o risco de manter-se outro mesmo não querendo chamar a atenção, mesmo sobrevivendo entre fissuras” (PERLIN, 2010, p. 7). Perlin foi aluna do mestrado e doutorado em educação da UFRGS, teve como orientador o professor doutor Carlos Skliar, que foi professor da Faculdade de Educação da UFRGS de 1996 até 2003. Em 1990, Skliar, com seu grupo de orientandos, todos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS, criou a NUPPES. Segundo Luciane Lopes (2017, p. 21), ao lembrar esse período: “A cidade de Porto Alegre é central na constituição da relação político-acadêmica pela parceria que se estabeleceu entre o movimento político e pesquisadores da UFRGS [...]”.

As pesquisadoras surdas gaúchas, Dall’Alba e Sarturi (2012, p. 01), consideram que: “Registros dos movimentos atuais são constantes e importantes para os dados, estudos e pesquisas”. Os registros da história dos surdos e de sua educação são importantes de serem feitos na perspectiva epistemológica que vem dos surdos, sendo esse um dos resultados das “[...] articulações entre movimentos surdos e universidades como fator potencializador para uma virada epistemológica no campo educacional, social e político dos surdos no Brasil” (THOMA; KLEIN, 2010, p. 109).

De 20 a 24 de abril de 1999, ocorreu uma movimentação bastante expressiva, um marco histórico para a comunidade surda na cidade de Porto Alegre. O NUPPES organizou o V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, em parceria com a FENEIS. Nessa ocasião, a professora doutora Madalena Klein, em entrevista concedida à Lopes (2017, p. 21-22), relata o seguinte:

Quando realizamos a abertura, o Salão de Atos estava abarrotado de gente, gente, gente...Era gente em pé, e no Salão cabem 1.500 pessoas. Foi uma coisa assustadora [suspiro profundo da narradora]! Foi assustador quando a gente se deu conta da amplitude da coisa. Outra questão importante foi quando a gente chamou a FENEIS para participar desta organização desde o início, e os surdos começaram a dizer: ‘ok, mas quando chega lá, vêm sempre os ouvintes falar’.

No Pré-Congresso desse mesmo evento, foi elaborado o conhecido documento, intitulado *A educação que nós surdos queremos*. Esse documento foi parcialmente incluído na proposta da Política Educacional para Surdos do Rio Grande do Sul, elaborada em 2005, a partir das discussões entre a Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS), a Secretaria Estadual de Educação e a

FENEIS. Esse documento mostra o contínuo movimento de lutas da comunidade surda, cujos enfrentamentos “[...] permitiram aos pesquisadores pensar a surdez dentro de novas bases epistemológicas, até então desconhecidas ou pouco divulgadas” (LOPES, 2007, p. 33).

Contudo, deve-se levar em consideração que essas mobilizações, “[...] assim como o povo surdo, não são homogêneas, nem o são suas aspirações; por isso, as lutas pulverizam-se, fragmentam-se, ressignificam-se” (THOMA; KLEIN, 2010, p. 112). Nesse sentido, houve uma série de movimentos sociais dos surdos, que (também) tiveram por objetivo dar continuidade a essas conquistas, bem como promover uma mudança no entendimento de surdez que circulava naquele momento.

Um acontecimento importante, naquele período, considerado uma conquista para o povo surdo, foi a promulgação da Lei da Libras nº 7.857, de 30 de Setembro de 1996, em Porto Alegre/RS. Contudo, conforme relata Gisele Rangel (2012, p. 217):

Naquele momento, nossa história estava sendo narrada por nós mesmos, surdos, sem a necessidade de um ouvinte narrar por nós. Começamos a nos sentir autônomos, empunhando o rumo da nossa própria história. Estávamos sendo militantes no âmbito da Universidade, um espaço onde a credibilidade é muito maior.

Além do registro das narrativas dos surdos que tomaram parte nos embates, a história de luta mostra que não foi apenas a Lei da Libras nº 10.456/2002 e o decreto nº 5.626 de 2005 que garantiram a ampliação de direitos dos povos surdos. Segundo Rangel (2012, p. 222):

A oficialização e o reconhecimento da Libras com status de língua proporcionou aos surdos a conquista de espaços próprios, os quais outrora eram habitados apenas por ouvintes, onde eles eram a voz e a opinião no lugar dos surdos. Hoje há surdos que atuam em diversos níveis de ensino, inclusive nas universidades como professores de sua própria língua, o que antes parecia impossível.

A oficialização e reconhecimento da Libras levou anos para ser conquistada, como uma matéria no Jornal da Feneis de 1995 relatou “[...] busca do reconhecimento desta língua é uma luta antiga e em diversos momentos se tentou a oficialização” (FENEIS, 1995b, p. 4). Houve mudanças desde 1995 até 2019, não podemos comparar os períodos, mas é importante que a luta continue, ninguém sabe o que pode acontecer amanhã.

Um dos aspectos mais fundamentais, dessas conquistas, é que os pesquisadores surdos, hoje, estão fazendo o registro da Libras como patrimônio linguístico do povo surdo, então não posso deixar de destacar as palavras da Rangel (2012, p. 224) “[...] acredito, por fim, na necessidade de registrarmos novas narrativas surdas, a fim de que permaneçam e fortaleçam a cultura surda. É preciso abrir o baú da memória com as mãos dos próprios surdos e apresentar as nossas histórias, pois ainda há muito para contar e construir”.

Na próxima seção, irei falar um pouco sobre minha experiência e minha trajetória de formação, sobre os Estudos Culturais na Educação e que se articularam com os estudos surdos neste trabalho.

1.1 SURDA PESQUISADORA: MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E OS MOTIVOS QUE ME LEVAM A INVESTIGAR O TEMA

Nasci surda e sou a única surda em minha família. Alguns familiares sabem língua de sinais, pois fizeram o curso oferecido pela minha escola para se comunicar comigo nessa língua. No início da minha jornada discente, meus pais me matricularam no Colégio Ulbra Especial Concórdia¹, onde aprendi a língua de sinais e a escrita do português. Naquela época, eu não sabia que a língua de sinais era uma língua, nem que eu fazia parte de uma minoria linguística. Também não sabia que essa escola era conhecida como a primeira a utilizar o método da Comunicação Total no Brasil².

Em 2002, ingressei no curso de Artes Gráficas Henrique d’Ávila Bertaso, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), no Rio Grande do Sul (RS), por meio do programa Jovem Aprendiz Industrial³. O convite para eu participar desse curso surgiu por indicação da orientadora educacional da escola Concórdia. Porém, embora eu participasse dessa formação, não havia intérpretes de Libras nas aulas;

¹ Para conhecer mais sobre a história do Colégio Ulbra Especial Concórdia, ver página disponível em: <<http://www.ulbra.br/educacao-basica/especial-concordia/historico>>. Acesso em: 05 maio 2018.

² A Comunicação Total expressa uma filosofia educacional que utiliza Libras e oralismo de forma concomitante. Os usuários dessa modalidade se habitua a usar a Libras e o Português de forma conjunta, sem o ajuste das suas estruturas, fazendo assim o que chamamos de português sinalizado.

³ O Programa Jovem Aprendiz é a oportunidade que o jovem necessita para ingressar no mercado de trabalho. Para mais informações, ver página disponível em: <<https://jovemaprendizbr.com.br/programa-jovem-aprendiz-tudo-sobre/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

mesmo assim, eu ensinava alguns sinais de Libras – a qual, naquela época, eu ainda entendia como Linguagem de Sinais – para colegas ouvintes, a fim de que eles pudessem, de alguma forma, interpretar os conteúdos que os professores ministravam em aula. Sobre esse período, reflito o seguinte: na realidade, aprendi mesmo alguma coisa? Minha resposta é 1.095⁴ vezes “não”, pelos três anos de curso.

Em 2004, terminei o ensino médio e, em uma conversa com minha mãe, expus meu desejo de trabalhar para ter autonomia e independência financeira, embora ela dissesse não ser necessário. Contrariando a vontade da minha mãe, insisti nessa ideia e comecei a entregar currículos nas empresas para conseguir uma vaga de emprego. Uma semana depois, uma empresa fez contato telefônico para minha casa, querendo agendar uma entrevista comigo. Minha mãe não acreditava na possibilidade de eu ter um emprego, porque eu não tinha experiência profissional anterior; porém, minha formação no curso de Jovem Aprendiz impulsionou, de fato, meu ingresso no mercado de trabalho.

Em 2008, antes de ingressar como estudante na academia, trabalhei em um setor de Recursos Humanos e, na mesma empresa, havia um surdo que atuava no setor de Tecnologia da Informação e que ministrava aulas de Libras para os funcionários. Um dia, me pediram para o substituir, pois ele iria se ausentar naquela semana. Até esse momento, eu não imaginava que existia um curso de Libras para ouvintes em geral, pensei que era destinado apenas para pessoas que têm familiares surdos. Além disso, eu pensava ser possível unicamente ensinar a Libras para amigos, mas não em um curso formal. Diante dessa novidade, procurei oportunidades de formação no ensino da língua de sinais e acabei ingressando no curso de Instrutor de Libras, oferecido pela Universidade La Salle, de Canoas.

Com a experiência que tive naquela empresa, escolhi o curso de graduação *Gestão de Recursos Humanos*, principalmente porque ofertava a modalidade de intérpretes de Libras. Lembro que, quando chegava na sala de aula, costumava conversar somente com as intérpretes, não conversava com colegas ouvintes na sala. Esse fato acontecia por conta da observação que eu fazia em relação aos colegas ouvintes, de que eles tinham medo do sujeito surdo. Quando eu me aproximava

⁴ Estive no curso durante três anos, como cada ano tem 365 dias, foram 1.095 dias.

sinalizando, a reação deles era de procurar alguém que soubesse Libras, para então interpretar ou inventar algum motivo para saírem de perto. No horário do intervalo, procurava os surdos da faculdade para que eu não ficasse solitária no meio dos ouvintes. Apesar desses entraves, concluí o curso no ano de 2013.

Enquanto eu passava por essas etapas – curso de Instrutor de Libras e graduação em Gestão de Recursos Humanos –, surgiu o desejo de aprofundar meus estudos na área da Educação, mais especificamente na área dos Estudos Surdos. Simultaneamente, por intermédio da professora Carolina Sperb, que ministrava o curso de Instrutor do qual eu participava, fui informada sobre a graduação em Letras Libras. Naquele momento, fiquei triste de não ter tido acesso a essa informação anteriormente, e fiquei na expectativa da abertura de uma nova turma. Sobre a professora Carolina Sperb, atualmente é doutora, professora e pesquisadora formada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi uma das alunas da primeira turma do curso de Letras Libras em 2006, no polo de Santa Maria, ofertado na modalidade a distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na época, quando eu soube da existência desse curso, aqui no Rio Grande do Sul, os alunos da primeira turma já o haviam concluído, pois iniciaram as aulas em 2006, no polo da UFSM. Em 2008, abriram uma turma em Porto Alegre, na UFRGS. Senti-me surpresa com essas informações, pois eu não tinha conhecimento da existência dos cursos, só os descobri quando ingressei no curso de Instrutor de Libras em 2011, como comentado anteriormente. Então, mesmo cursando o Tecnólogo em Recursos Humanos, segui aguardando as inscrições para uma nova edição do curso de Letras Libras, sempre atenta às informações. Em 2014, fui informada que seria ofertado o curso novamente em três polos: Santa Rosa/RS, Joinville/SC e São Luís/MA. A primeira coisa que fiz foi inscrever-me. Atualmente, sou graduada em Letras Libras e, da mesma forma, me pergunto: *na realidade, aprendi mesmo alguma coisa?* Minha resposta é: QUERO MAIS! Tanto que, concomitante ao Letras Libras, eu cursava a Pós-Graduação em Docência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), no polo de Santo Ângelo, entre os anos de 2014 e 2016, com aulas ministradas em Porto Alegre.

Decidi que queria mais formação na área dos estudos surdos: soube que o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) – atual Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) –, na UFRGS, reunia vários surdos, mestres e doutores, que estudavam conceitos sobre os estudos surdos

na Educação. Esse foi meu interesse de pesquisa e, a partir de então, busquei me apropriar dos conceitos dos Estudos Surdos, razão pela qual fiz disciplinas como aluna do Programa de Educação Continuada (PEC) no PPGEDU da UFRGS. Dentre elas, uma disciplina intitulada *Interloquções dos Estudos Surdos com os Estudos Culturais e Estudos Foucaultianos em Educação*; também cursei a disciplina intitulada *Zygmunt Bauman: temas e conceitos para pensar a educação*, ambas ministradas pela professora Adriana da Silva Thoma. Na ocasião em que cursava a disciplina sobre Zygmunt Bauman, tive contato com o texto *A Modernidade Líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo*, de Eliton Fernando Felczak (2015). Em uma das aulas, no dia 18 de abril de 2017, a professora Marisa Vorraber Costa esteve presente como convidada para falar sobre as contribuições de Bauman para a análise da educação na sociedade de consumidores. Senti-me inspirada pelas discussões acerca do conceito de “consumo”, desenvolvido nos textos de Zygmunt Bauman, e penso ser uma noção profícua para reflexão, neste trabalho.

Queria registrar nesta dissertação que fui a primeira aluna cotista da política de ações afirmativas no PPGEDU/UFRGS, e fui indicada pela doutoranda em Educação, Bianca Pontin, para participar na comissão de Ações Afirmativas, no período de 2018 a 2019 (Portaria nº 009/2018). Integrar essa comissão como representante discente foi de grande aprendizagem sobre a política hoje vigente. A comissão de Políticas de Ações Afirmativas é composta por uma equipe de trabalho com representantes docentes, discentes e técnicos administrativos. Há cotistas discentes dos segmentos indígena, surdos/pessoas com deficiência, negros, quilombolas, travestis/transsexuais. Em 2017, ingressei como representante da comunidade surda, até julho de 2019.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO DE LETRAS LIBRAS EAD

O curso de Letras Libras ainda é um curso novo, então, gostaria de contar uma pequena história sobre sua origem e seus objetivos. O curso surgiu em 2005, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Esse curso teve, como idealizadora, a professora Ronice Quadros, que desde seu ingresso na UFSC pensava em organizar uma formação no espaço da universidade. Assim:

A concepção do Curso de Letras Libras surgiu em 2002, quando o Laboratório de Ensino a Distância da UFSC entrou em contato com a professora Ronice M. de Quadros, o professor Vilmar Silva e representantes surdos da

Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Na época ainda não se tinha clareza quanto ao nível de formação que seria proposto (QUADROS; STUMPF, 2014, p. 10).

A partir desse contato, a professora começou a planejar uma proposta, pesquisando sobre possíveis currículos aqui no Brasil e outros países, investigando como os professores ensinavam e também averiguando o trabalho dos intérpretes. Enfim, tudo o que se relacionasse à área da educação e dos surdos. Seu pensamento inicial era conciliar a Libras e a Língua Portuguesa. Ao finalizar a proposta, apresentou-a para a professora Gladis Perlin (que passou a integrar a equipe) e levaram-na para o CED (Centro de Ciências da Educação). A direção do Centro analisou a proposta e concluiu que combinaria com o curso de Letras, isso em 2004. Ao passar para a fase de avaliação, pelo Departamento de Letras, a proposta foi reprovada. Isso, porque o ponto principal do Departamento de Letras, segundo a justificativa da época, é o foco nas várias línguas, como o alemão, italiano, inglês, francês etc. A professora Ronice gostou muito dessa ideia, porque seria ruim um curso como Libras/Língua Portuguesa, então propôs um curso que se centrasse na Libras. Partiram então para a reorganização da proposta, reestruturando o currículo, excluindo o que não era interessante e, ao finalizarem esse retrabalho, voltaram ao Departamento de Letras e a entregaram para uma nova avaliação. Em 2005, a proposta foi aprovada, no mesmo período que foi sancionado o Decreto 5.626. A proposta do curso atendia ao que era estabelecido no referido decreto, o qual indicava a necessidade de se ter disciplinas de Libras nas Universidades, oferecendo assim formação em nível superior para os professores que iriam ministrar essa disciplina.

Logo, em 2006, a primeira turma do curso iniciou seu ciclo e, com o apoio do Ministério da Educação (MEC), foi possível se pensar em polos para a oferta e expansão do curso. Com muito prazer, podemos dizer que o Curso de Letras Libras foi o primeiro na América Latina. Assim, ao ser aprovada a ideia, foram abertos, nessa primeira fase, 9 polos espalhados pelo Brasil, e “[...] a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assumiu o compromisso de formar professores, tradutores e intérpretes de Libras em todo o país, com cunho multiplicador” (QUADROS, 2014, p. 192). Nas duas turmas dos anos de 2006 e 2008, os polos foram abertos nas seguintes instituições: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Universidade de Brasília (UNB), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da

Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro Federal de Formação Tecnológica de Goiás (CEFET/GO), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual do Pará (UEPA), Centro Federal de Formação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET/RN), Centro Federal de Formação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG).

Em tempo, ressalto que eram turmas somente de Licenciatura, no ano de 2006, na modalidade a distância. Porém, no ano de 2008, novamente foram abertas turmas de Licenciatura, mas com a novidade do curso de Bacharelado. As autoras, Quadros e Stumpf (2014, p. 11), explicam sobre o diferencial entre Licenciatura e Bacharelado:

[...] uma vez a **Licenciatura** dava prioridade aos candidatos surdos, observando o previsto no Decreto nº 5.626/2005 que estabelece que a formação de professores de Libras deve ser dada aos surdos. Com esse processo, a UFSC abre o Curso de Letras Libras **Bacharelado**, atendendo a demanda da formação dos tradutores e intérpretes, que contou em sua grande maioria com alunos ouvintes.

Entre os anos de 2010 e 2012 não foram abertas novas turmas na modalidade a distância, porque o projeto especial, com aporte financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD), finalizou. As novas turmas abertas, em 2014 e 2016, foram custeadas pelo “Programa Viver sem Limites”, do Governo Federal. Na UFSC, o Letras Libras tornou-se um curso regular, mas reduzido somente a três polos. Em 2014, ingressei na Licenciatura, no curso de Letras Libras, no polo de Santa Rosa (RS), os outros dois polos eram em FUNDAMAS, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e no Instituto Federal Farroupilha (IFF). O ano de 2016, até agora, marcou a última turma aberta desse curso nos outros três polos: no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza; no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) – Campus Manaus Distrito Industrial; no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) – Campus Ribeirão das Neves.

O funcionamento de um curso desse porte, na modalidade a distância, é realizado por videoconferência. Os professores usam um estúdio de videoconferência na UFSC. Os alunos ficam nas salas de aula dos respectivos polos, espalhados nos

estados do Brasil, e os encontros presenciais são quinzenais. Roberto Vargas (2014, p. 138) explica que “[...] a interação entre professor e aluno, bem como entre aluno e alunos de outros polos, faz com que distâncias sejam suprimidas nesse ambiente de ensino e aprendizagem, construindo uma grande sala de aula virtual”.

Como já comentado, trata-se de um curso EAD, que se organiza de forma diferente dos cursos presenciais. Aqui, aproveito para detalhar um pouco mais, entendendo que a tecnologia é saliente nessa modalidade e que é um curso bilíngue, ou seja, envolve a LIBRAS e a Língua Portuguesa. O foco principal é na Libras – a primeira língua dos surdos, e evidencia sua estrutura, sua gramática e linguística. Dentro da estruturação desse curso, tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado, os materiais são organizados envolvendo as duas línguas, por exemplo, todos os textos em Língua Portuguesa também têm a tradução para a Libras. Há professores surdos com fluência na Libras, bem como professores ouvintes também com a mesma fluência, logo, bilíngues. O ensino a distância envolve as videoconferências, que são sinalizadas, há a presença de intérpretes de Libras, para os trabalhos que envolvem a tradução, que estudam o material e posteriormente o traduzem para a Libras. Há momentos em que as atividades são registradas em formato texto, para serem filmadas em Libras, sempre envolvendo as duas línguas, razão pela qual é um curso bilíngue, embora o enfoque prioritário seja na Libras, que é a língua da comunidade surda. O foco da licenciatura é a compreensão acerca do ensino da língua, um entendimento sobre a didática, já, no bacharelado, os intérpretes aprendem mais sobre o processo de tradução e interpretação envolvendo as duas línguas, Libras e Língua Portuguesa. São turmas distintas, de Licenciatura e de Bacharelado, mas há momentos de interação entre elas, nos quais um entende um pouco da atuação do outro, e, o mais importante, as trocas que são realizadas envolvem a Libras – é um espaço bilíngue, que não se restringe somente à sala de aula. Cabe descartar que o objetivo de curso de Letras Libras, segundo Quadros:

O Curso de Letras Libras objetiva produzir e divulgar conhecimento nas áreas de língua, literatura e cultura, buscando disponibilizar os meios que possam contribuir para a capacitação do futuro professor e do futuro bacharel, integrados à sociedade através da formação de profissionais competentes, críticos e criativos. (QUADROS, 2014, p. 20)

O foco da minha investigação é especificamente no polo de Santa Maria. Sobre esse espaço institucional em que o curso se realizou, trago um relato da coordenadora do polo, Márcia Lunardi – Lazzarin (QUADROS, 2014, p. 198), que contou:

Nossa instituição vem há mais de três décadas formando profissionais para atuar nessa área de ensino, através de pesquisas, formação de professores e projetos de extensão. Os Cursos de Educação Especial, na modalidade presencial e a distância, de Especialização a Distância em Educação Especial, bem como a linha de pesquisas em Educação da UFSM, são as bases para que pudéssemos constituir um dos polos parceiros desse grande projeto de formação de professores na área de Língua Brasileira de Sinais Libras.

Para finalizar esta parte, que trata sobre a história do curso Letras Libras, acrescento que é um curso que faz uso constante da tecnologia, por conta dos materiais empregados, seja nos vídeos, nas videoconferências, temos o uso do computador, das câmeras para os registros das atividades e apresentação das aulas em DVDs. A tecnologia facilita a educação bilíngue, pela forma como necessita ser construída essa modalidade de ensino, permitindo que a acessibilidade seja viável para as duas línguas.

1.3 ESTADO DO CONHECIMENTO

O primeiro movimento da pesquisa, após a construção da pergunta, foi a localização de outras pesquisas que se aproximassem da temática desta. Por isso, fiz um levantamento em bancos de teses e dissertações, por meio de palavras-chave. Os termos pesquisados foram quatro: *formação de professores surdos*, *Letras Libras*, *Consumo e Capital Humano*. Os bancos de dados pesquisados foram: o Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD)⁵, administrado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão governamental vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁶, gerido pela própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e o Repositório Digital LUME⁷, da UFRGS. Finalizando a busca nesse

⁵ Site do BDTD, disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

⁶ Site da CAPES – Banco de Teses e Dissertações, disponível em: <http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre.html>. Acesso em: 23 jun. 2018.

⁷ Site do LUME, disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

banco de dados, e prosseguindo com a pesquisa, posso citar que, a partir do filtro no banco de dados da CAPES, foram seis trabalhos no total que selecionei e que, acredito, colaboram com o desenvolver da minha dissertação, tanto nos capítulos a serem elaborados quanto na metodologia adotada, considerando a possibilidade de encontrar informações sobre suas metodologias e de estas incluírem também entrevistas.

Quadro 1 –Trabalhos Selecionados

Autor (a) Ano/Nível - Local	Título	Palavras-chave
ALBERTON, B. F. A. / 2015 - UFRGS	Discursos Curriculares sobre Educação Matemática para surdos	Estudos Culturais; Educação Matemática para Surdos; Língua Brasileira de Sinais; Identidades Surdas; Discursos.
BOSSE, R. O. H. / 2014 - UFRGS	Pedagogia Cultural em poemas da Língua Brasileira de Sinais	Literatura Surda; Poema em Língua de Sinais; Pedagogia Cultural; Surdos; Estudos Culturais em Educação.
GOETTERT, N. / 2014 - UNISINOS	Tecnologia Digitais e Estratégias comunicacionais de Surdos: Da Vitalidade da Língua de Sinais À Necessidade da Língua Escrita	Estratégias Comunicacionais; Surdos; Tecnologias Digitais; Bilinguismo; Língua de Sinais; Língua Portuguesa.
MADEIRA, D. S. / 2015 - UFPEL	Memórias Linguísticas de Jorge Sérgio Lopes Guimarães	Surdez; Memória; Identidade; Jorge Sérgio Lopes Guimarães.
MARTINS, F.C. / 2013 - UFPEL	Discursos e Experiências de Sujeitos Surdos sobre audismo, Deaf Gain e Surdismo	Audismo; Deaf Gain; Surdismo; Discurso; Experiência; Relação de poder
SPERB, C.C. / 2012 - UFRGS	O Ensino da Língua Portuguesa no atendimento educacional especializado (AEE) para surdos	Educação de Surdos; Políticas Educacionais; AEE; Ensino de Língua Portuguesa

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Para a realização da entrevista, escolhi seis professores com duas graduações e o recorte para a seleção foi que tivessem mestrado. Os seis surdos selecionados podem subsidiar a minha pesquisa para construção da investigação por dois motivos. Primeiramente, os professores, em suas dissertações de mestrado, produziram

conhecimento na área relacionada às duas graduações realizadas e utilizaram duas graduações em suas pesquisas de mestrado. Em segundo lugar, utilizaram conceitos desenvolvidos no campo dos estudos culturais em educação e dos Estudos Surdos, em suas publicações, o que dialoga teórico-metodologicamente com a presente pesquisa. No Quadro 2, temos os resumos dos currículos para conhecimento do perfil dos entrevistados.

Quadro 2 – Conhecendo os Currículos dos Entrevistados

Foto	Resumo do Currículo Lattes
	<p>Bruna Fagundes Antunes Alberton, natural de Uruguaiana no Rio Grande do Sul, formada em Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – Polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Libras na UFRGS.</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5713555107482577>. Acesso em: 15 jun. 2019.</p>	
	<p>Carolina Comerlato Sperb, natural de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, formada em Letras/Português e Literatura pela Universidade La Salle e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - Polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre.</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6263606372538364>. Acesso em: 15 jun. 2019.</p>	

	<p>Diogo Souza Madeira, natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – Polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutorando em História da Literatura na FURG. Professor de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande.</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4324028360927169>. Acesso em: 15 jun. 2019.</p>	

	<p>Francielle Cantarelli Martins, natural de Pelotas, Rio Grande do Sul, é formada em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Polo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Linguística pela UFSC. Professora de Libras na Universidade do Rio Grande do Sul (FURG).</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3495191392642895>. Acesso em: 15 jun. 2019.</p>	

	<p>Nelson Goettert, natural de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, formado em Computação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutorando em Letras pela UFRGS. Professor de Libras na UFRGS - Campus Vale.</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5170751390824853>. Acesso em: 15 jun. 2019..</p>	

	<p>Renata Ohlson Heinzemann Bosse, natural de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, formada em Letras/Português e Literatura pela Universidade La Salle e em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Doutora em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Alvorada.</p>
<p>Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8367793533741936>. Acesso em: 15 jun. 2019.</p>	

Fonte: Elaboração da autora (2019).

1.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como colocado anteriormente, o objetivo geral da pesquisa é analisar as experiências de formação e atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras do polo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para iniciar o passo a passo da metodologia, descreverei cada etapa separadamente. O primeiro foi a identificação dos alunos que concluíram o primeiro curso de Licenciatura em Letras Libras no Rio Grande do Sul, no ano de 2006, no polo UFSM. Para isso, fui buscar na internet a lista dos selecionados para o curso⁸; contudo, poderiam existir pessoas que o abandonaram e acabaram não concluindo, como de fato existiu. A fim de solucionar esse problema, tive a ideia de buscar essas informações no convite de formatura dessa turma.

O segundo passo foi a análise da listagem que obtive dos alunos de Letras Libras do polo Santa Maria de 2006, a partir do convite da formatura. Dos 46 alunos formados (todos surdos), identifiquei que 24 já haviam concluído pelo menos outro curso no ensino superior. Essa listagem, juntamente com os nomes e os cursos já concluídos anteriormente, é apresentada a seguir, no Quadro 3.

⁸ Relação de selecionados no vestibular em 2006, disponível em: <http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2006/libras/resultado/veadpca03LinkPolos_705.html>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Quadro 3 – Egressos do curso de Licenciatura em Letras Libras de 2006 que possuíam uma graduação anterior

Nº	Nome dos alunos	1ª Graduação	Ano	2ª Graduação	Ano
1	ALINE BRANCALIONE	DESIGN DE PRODUTO	2007	LETRAS LIBRAS	2011
2	ANA CLÁUDIA FAGUNDES ANTUNES	CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	2006	LETRAS LIBRAS	2011
3	BRUNA FAGUNDES ANTUNES ALBERTON	MATEMÁTICA	2010	LETRAS LIBRAS	2011
4	CARINE MENDES GARBIN DIESEL	PEDAGOGIA	2010	LETRAS LIBRAS	2011
5	CARLA BEATRIZ MEDEIROS KLEIN	FOTOGRAFIA	2006	LETRAS LIBRAS	2011
6	CAROLINA COMERLATO SPERB	LETRAS	2008	LETRAS LIBRAS	2011
7	CASSIA LOBATO MARINS	PEDAGOGIA	2007	LETRAS LIBRAS	2011
8	CLÁUDIA DE ARRUDA SARTURI	EDUCAÇÃO FÍSICA	2007	LETRAS LIBRAS	2011
9	CLÁUDIA MAGNUS FIALHO	PEDAGOGIA	2008	LETRAS LIBRAS	2011
10	CLÁUDIO HENRIQUE NUNES MOURÃO	EDUCAÇÃO FÍSICA	2007	LETRAS LIBRAS	2011
11	DIOGO SOUZA MADEIRA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	2009	LETRAS LIBRAS	2011
12	ERIKA VANESSA DE LIMA SILVA	PEDAGOGIA	2009	LETRAS LIBRAS	2011
13	FRANCIELLE CANTARELLI MARTINS	PSICOLOGIA	2010	LETRAS LIBRAS	2011
14	GASPAR GONCALVES SCANGARELLI	EDUCAÇÃO FÍSICA	2008	LETRAS LIBRAS	2011
15	IAN NICOLAU ROSADAS FERNANDES VARELLA	INFORMÁTICA	2007	LETRAS LIBRAS	2011
16	IVANA GOMES DA SILVA	PEDAGOGIA	2003	LETRAS LIBRAS	2011
17	JAQUELINE BOLDO	PEDAGOGIA	2005	LETRAS LIBRAS	2011
18	JEFERSON DE OLIVEIRA MIRANDA	EDUCAÇÃO FÍSICA	1985	LETRAS LIBRAS	2011
19	NELSON GOETTERT	COMPUTAÇÃO	2010	LETRAS LIBRAS	2011
20	PAULO ROBERTO GAUTO	PEDAGOGIA	2006	LETRAS LIBRAS	2011
21	REJANE STORCH HOLZ	PEDAGOGIA	2002	LETRAS LIBRAS	2011
22	RENATA OHLSON HEINZELMANN BOSSE	LETRAS	2008	LETRAS LIBRAS	2011
23	TATIANE DE SOUZA	PEDAGOGIA	2004	LETRAS LIBRAS	2011
24	WILLIAM DIAS SILVEIRA	EDUCAÇÃO FÍSICA	2006	LETRAS LIBRAS	2011

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Essas informações foram obtidas por meio de pesquisas na Plataforma Lattes, com exceção do professor Jeferson Miranda, que não possui um currículo cadastrado na plataforma. Entrei em contato com ele por intermédio do aplicativo comunicacional WhatsApp, por meio do qual informou ter concluído sua graduação no curso de Educação Física em 1985.

O terceiro passo ocorreu no dia 15 de agosto do 2018, quando fui submetida à avaliação de qualificação da dissertação do mestrado. Os participantes da banca me orientaram a diminuir a quantidade de entrevistados, ponderando a questão de tempo hábil, considerando a necessidade de se trabalhar com a interpretação e tradução, visto que as entrevistas seriam sinalizadas, igualmente em relação ao tempo necessário para análise de todos os dados indicados pelos entrevistados.

Segundo Ladd (2017), ao explicar sobre o processo de tradução de uma língua para a outra, deve-se abordar a questão de tempo, compreendendo que tradução exige um período diferente. Para exemplificar, se temos um minuto de um vídeo, ao ser realizada a tradução por um profissional com conhecimento na área, o tempo será outro, podendo variar em espaços geográficos diferentes também. Esse é o caso da tradução realizada neste trabalho, em que a tradutora mora em Blumenau/SC, e eu,

que sou autora do trabalho, moro em Porto Alegre/RS. Essa demanda geográfica envolve aspectos linguísticos diferentes, sinais regionais, o que exige um tempo maior para se conseguir compreender dentro do contexto o item lexical mais adequado à tradução. O texto escrito, após ser traduzido e enviado por e-mail, para que eu o possa ler e fazer os ajustes necessários, é reencaminhado novamente para a tradutora, para adequar ao texto na língua portuguesa. Logo, o processo de tradução ocorre de forma diferente, não é simultâneo.

Além das questões apresentadas, como os ajustes, o tempo de envio, o tempo de retorno e a compreensão do contexto, as variações linguísticas, as diferenças culturais, temos também envolvidos sujeitos surdos e ouvintes, com o propósito de fazer a adequação do texto para a língua portuguesa, que busca permitir ao leitor uma leitura clara das ideias apresentadas, respeitando sempre o autor do trabalho. É interessante observar que, ao realizar uma apresentação em Libras, o conteúdo fica claro para quem é usuário da Língua de Sinais, porém, se a escrita respeitar essa ordem no momento da tradução, o leitor não conseguirá facilmente compreender o que o autor comenta, pois são formas de produção linguística diferentes. São línguas diferentes, por isso necessita-se de uma tradução.

Face a essa explicação, e entendendo que o período de duração do mestrado é de dois anos, 2018 e 2019, em conversa com minha orientadora anterior, Adriana Thoma, sobre como poderia otimizar o desenvolvimento da minha pesquisa, houve consenso em realizar a entrevista com seis sujeitos. Assim, de um montante de 24 possíveis entrevistados, reduzimos para seis, dentre os quais, dois já possuem o diploma de doutorado completo e, os outros quatro, são doutorandos.

Sobre as entrevistas, desenvolvi a pesquisa com esses seis sujeitos, visto sua aderência ao tema desta dissertação. Desses seis entrevistados, observei, sobre aqueles que permanecem estudantes, o quanto os estudos colaboram com retornos de caráter financeiro, profissional e experiências pessoais, e os processos de mudanças são percebidos no decorrer dos seus estudos.

As entrevistas se incluem como estratégia metodológica, considerando que Silveira (2007, p. 10) entende que o registro das entrevistas, “[...] se torna o documento, o registro fiel, a fonte de dados, o material a ser descrito, analisado, categorizado”. Como pesquisadora surda, optei por realizar os registros das entrevistas com os sujeitos surdos em língua de sinais, pois todos são surdos e usuários da língua de sinais. Em uma produção na língua de sinais, o surdo consegue

se expressar mais e é possível realizar a análise do que foi dito por eles com mais elementos.

O registro das entrevistas serve como documento, perde-se parte da história na ausência desses comprovantes. Rocha (2010, p. 41), historiadora e professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), comenta sobre as dificuldades de se trabalhar com registros históricos dos surdos em razão da falta de documentação. Assim, considero importante o registro das entrevistas em língua de sinais, pois isso é fundamental para a valorização dos modos de fazer pesquisa das pessoas surdas em língua de sinais.

Nos últimos anos, a internet vem sendo utilizada como objeto, local e instrumento de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. Desse modo, Félix (2014, p. 135) cita ainda a necessidade de se fazer uso das entrevistas com narrativas *on-line*, pois sabe-se que compreende a comunicação, que é muito importante para o surdo e envolve aspectos visuais. Um exemplo interessante desse tipo de pesquisa é o caso da entrevistada Francielle, que reside em Pelotas e, no momento que participou da entrevista, estava grávida, mas pôde participar do trabalho pela facilidade que é possibilitada através desse tipo de recurso. Esse recurso tem valor de registro, mostra o quanto a tecnologia e suas constantes mudanças podem colaborar com as pesquisas. Diferentemente do passado, quando obrigatoriamente era necessário se gravar em voz, escrita ou vídeo, hoje temos a possibilidade de videochamadas, da interação via vídeo online, isto é, da tecnologia e seus avanços. Hoje podemos realizar discussões através da WEB, conversas em tempo real, mas em espaços diferentes. Podemos gravar uma conversa em Libras, e isso é um registro. Como já citado pela autora, há vários tipos de registros e é importante mostrar as suas possibilidades. De igual importância, também foram realizadas entrevistas presenciais, que não necessitaram de recurso da web. Eram formas diferentes de se fazer a entrevista, com metodologias distintas, mas permitidas de acordo com as nossas discussões.

A referida autora, Jeane Félix, cita ainda acerca das características presentes nos tipos de entrevistas, como a entrevista narrativa online, que indica que qualquer rede social, como no caso do envio de um e-mail, esteja a pessoa online ou off-line, pode significar uma narrativa. O meu trabalho acontece no modo online, em tempo real, com interação, mas não no mesmo espaço. Mas tenho a possibilidade de olhar a pessoa, interagir com ela e, o mais importante, ver sua sinalização. Aqui estão

imbuídas as estratégias metodológicas das entrevistas online, que usamos para a realização de uma conversa em língua de sinais, que é a primeira língua do sujeito surdo pela WEB.

A entrevista dos professores também é importante para a área da Língua Brasileira de Sinais. Muitos deles se tornaram pesquisadores da língua de sinais e da educação de surdos. Por isso, uso seus nomes reais na pesquisa e durante a entrevista, pois escolheram se identificar com seus nomes reais.

Para a organização das entrevistas, no primeiro momento foi feito o convite explicativo sobre o trabalho, enviado por e-mail para os seis sujeitos. As entrevistas foram agendadas individualmente, sendo realizadas, preferencialmente, de forma presencial, contudo, não sendo viável para os entrevistados, a entrevista foi feita por *skype*. Elas foram, então, gravadas como registro para posterior tradução, que foi realizada por um tradutor-intérprete de Libras. Assim que as entrevistas estavam prontas, após a tradução, iniciei a sua análise.

O segundo passo foi a marcação das entrevistas, com a viabilidade de serem de forma presencial, na Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), local onde curso o mestrado, e que também é de mais fácil acesso para alguns dos entrevistados: Bruna é professora da Faced - UFRGS; Renata é aluna doutoranda na UFRGS e, Nelson, é professor no campus do Vale - UFRGS. Estes três foram entrevistados na Faced, sendo que as professoras Bruna e Renata foram entrevistadas no mesmo dia, com horários diferentes, e o professor Nelson em outro dia. A entrevista com a professora Francielle foi realizada via *Skype*, já que ela reside em Pelotas e estava gestante; para tanto, usei meu notebook para fazer a entrevista, através da câmera do notebook e do programa *Atube Catcher*⁹, para gravá-la. Com o entrevistado professor Diogo, posso dizer que houve uma coincidência, eu o encontrei no 10º Fórum Estadual de Educação de Surdos (FEES), que ocorreu na Faced, organizado pelo grupo de pesquisa da GIPES. Usei a câmera do aparelho celular para fazer a entrevista com ele. A entrevista com a professora Carolina foi na Colônia de Férias dos Surdos, em Capão da Canoa/RS¹⁰. É interessante percebermos que ao

⁹ O Programa *aTube Catcher* trabalha com conversão de vídeos e áudios para outras formas. Também é editor de vídeos, grava Cds, DVD e Blu-ray, além de capturar a tela de vídeos, como utilizei na entrevista *Skype* da Francielle. Precisei da captura de tela para fazer a tradução Libras para Língua Portuguesa.

¹⁰ A Colônia de Férias dos Surdos em Capão da Canoa, no Rio Grande do Sul, foi fundada em 24 de Janeiro de 1967. A pesquisadora Gisele Rangel (2004, p. 65), em sua dissertação de mestrado,

observarmos as entrevistas, sejam elas em que locais forem, por vezes em espaços muito diferentes, físico ou virtual, como via Skype, FEES, Colônia de Férias dos Surdos e Faced, os surdos se organizam e se encontram.

Quadro 4 – Cronograma das entrevistas

Entrevistados	Residem	Data de entrevista	Local de entrevista	Tradução Libras para LP
Bruna Antunes	Porto Alegre	13/nov	UFRGS - FACED	11/dez
Carolina Sperb	Porto Alegre	31/dez	Colônia de Férias dos Surdos	10/jan
Diogo Madeira	Pelotas	10/nov	X Fórum Estadual de Educação de Surdos	16/jan
Francielle Martins	Pelotas	07/dez	SKYPE	11/dez
Nelson Goettert	Porto Alegre	05/nov	UFRGS - FACED	13/nov
Renata Bosse	Porto Alegre	13/nov	UFRGS - FACED	21/dez

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Durante a realização das entrevistas, houve duas situações distintas:

I - Escolhi dois entrevistados e expliquei inicialmente sobre o tema, objetivos da pesquisa e como seria feito o registro das narrativas, para que eles relatassem suas experiências. A pergunta era disponibilizada em Língua de Sinais, pois a escrita em língua portuguesa possibilita diferentes interpretações pelos sujeitos.

II - Escolhi quatros entrevistados, de início pedi que eles apresentassem seu nome e sinal, depois sinalizei para agradecer por aceitarem participar da entrevista, fiz uma pergunta e eles começaram a narrar. Quando eles concluíram sua narrativa, expliquei sobre a pesquisa que estou desenvolvendo.

A pergunta, realizada aos entrevistados, foi:

Você já possuía uma graduação, o que te levou a escolher esta segunda, o curso de Letras Libras?! Com essa segunda formação concluída, percebeu mudanças em sua vida?!

A razão pela qual procedi de duas formas diferentes, durante as entrevistas, é que tive a intenção de observar se a narrativa de suas histórias permitiria que se expressassem mais, considerando sua cultura surda e as mediações linguísticas, o que os levaria a detalhar o contexto antes de responderem à pergunta em si. Com o

intitulada *História do povo surdo em Porto Alegre* *Imagens e Sinais de uma trajetória cultural*, conta que: “Os surdos gostavam muito de ir a praia, ter seu lazer e Levy percebeu isso. Com essa percepção, Levy fez contato com uma pessoa influente que presenteou a Sociedade com bom terreno em Capão da Canoa a quatro quadras da praia”.

Quadro 5, a seguir, que marca o tempo de entrevista, percebo que dois entrevistados levaram mais de 11 minutos, porque expliquei sobre minha pesquisa e, assim, eles conseguiram se expressar mais; já, os outros quatro, narraram menos, pois só fiz a pergunta diretamente.

Quadro 5 – Tempo de Entrevista

Entrevistados	Tempo	Recursos de gravação
Bruna Antunes	5 min	Própria filmadora
Carolina Sperb	6 min	Câmera digital
Diogo Madeira	5 min	Câmera digital
Francielle Martins	5 min	Web cam no notebook
Nelson Goettert	11 min	Própria filmadora
Renata Bosse	11 min	Própria filmadora

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Sobre o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)¹¹, no mês de setembro de 2018, conversei com minha orientadora anterior, Adriana Thoma, para que fosse inserido no sistema da UFRGS – nós o preenchemos e enviamos e, no dia 19 de setembro de 2019, recebemos aprovação, do Comitê Ética da UFRGS, para seu emprego na pesquisa.

1.5 ESTUDOS SURDOS E ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO: o que dizem os entrevistados em suas publicações.

Nesta seção, explico acerca de dois campos de estudo que se aproximam, se entrelaçam, que são os Estudos Surdos e os Estudos Culturais. É uma abordagem que se faz presente considerando a linha de pesquisa do presente trabalho, na área da Educação, com delimitação ao tema dos Estudos Surdos. E temos uma explicação acerca dos Estudos Culturais com Hall (2016, online), quando descreve que:

Os Estudos Culturais não começaram sozinhos. Surgiram relacionados a outros movimentos da época como as políticas de cultura, o feminismo, os estudos multiculturais, sobretudo aos estudos pós-coloniais, enfim, a uma enorme gama de novos trabalhos críticos nas ciências humanas. Vejo os Estudos Culturais como um poderoso fio nessa trama.

¹¹ O arquivo está no Apêndice A.

Esse trecho me faz refletir que os Estudos Surdos também não começaram sozinhos, foram oriundos igualmente de movimentos. Os movimentos surdos, com base em suas histórias, demonstram os marcadores da cultura surda, dos fatos vivenciados por tantas pessoas, experiências de muito sofrimento, razões estas que instigaram politicamente as pesquisas, os estudos e a maior participação dos surdos, de modo coletivo, e não de forma solitária. É, sim, um movimento cercado e criado por uma comunidade surda. Segundo Skliar (2013, p. 5), temos a descrição do que são os Estudos Surdos:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

Um dado interessante é sabermos que os Estudos Culturais tiveram seu marco inicial na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, década 1960, período no qual se inicia também sua disseminação pelo mundo, compreendendo e explorando as múltiplas culturas que temos até os dias atuais. Porém, no Brasil, somente em 1990 emerge um espaço para a alavancagem dos estudos culturais, sendo incorporado também os estudos surdos, na mesma década.

Evidenciando essa disseminação anteriormente citada, ocorre a criação do NUPPES, na UFRGS, que tinha como objetivo “[...] potencializar pesquisas no campo da Educação de Surdos, tendo como característica predominante a articulação entre pesquisadores/universidade e os movimentos surdos” (THOMA; KLEIN, 2010, p. 110). Aqui, incluímos não somente os Estudos Culturais, mas também muitas outras áreas e agentes que contribuíram para uma mudança epistemológica sobre os surdos e a língua de sinais, tais como: os movimentos surdos, a educação de surdos, os estudos linguísticos, entre outros.

Em outros países, como nos Estados Unidos, na década de 1970, o movimento surdo, por meio da Associação Nacional para Surdos (National Association for the Deaf – NAD), afirma que “[...] se as pessoas surdas fossem compreendidas em seu tempo, elas teriam melhor imagem delas mesmas e de suas capacidades” (LOPES, 2017, p. 24). Gládis Perlin e Flaviane Reis (2012, p. 45) descrevem permissões de Estudos Culturais:

[...] é preciso valorizar a cultura surda e no momento isto é muito possível graças às permissões que o campo teórico dos Estudos Culturais concedem. Validar a cultura através de sua enunciação, bem como de divulgação e

negociação nos pontos em que se insere as metanarrativas dos espaços da teoria moderna. É preciso que estes espaços sejam flexíveis para compreender a importância desta cultura para que ocorra a inclusão, pois exclusão da cultura surda significa exclusão do sujeito surdo.

Nesta dissertação, os sujeitos da pesquisa são também autores e pesquisadores. Ao ler suas publicações, trago esses sujeitos como autores, que me ajudam a compreender não somente sua formação e experiência na área de atuação como professores surdos, mas também como produtores de conhecimento na área. São protagonistas de suas próprias histórias e também pesquisadores na área. Nesse sentido, apresento os recortes que fizeram quanto aos Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação, ou seja, o que eles escreveram em suas dissertações, como eles queriam que a sociedade compreendesse a pesquisa que defendiam na área da educação de surdos. Complemento essa escolha com a afirmação das pesquisadoras Perlin e Reis (2012, p. 32), “Os aparatos do campo teórico dos Estudos Culturais nos dizem que compete-nos construir nossa cultura, descobri-la, publicá-la, enfatizá-la, elevá-la ao nível de cultura e construir um povo encorajado e forte”.

A professora Bruna Antunes Alberton, em sua dissertação, analisa os discursos sobre educação Matemática e também os documentos sobre Parâmetros Curriculares Nacionais (PNE) e outros, sobre como se constituem as práticas na educação matemática. Afirma que:

Os Estudos culturais e a educação de surdos produziram muitas investigações sobre as práticas docentes nas escolas de surdos. Isto me leva a refletir sobre o papel da cultura de uma comunidade nos espaços escolares. Na comunidade surda, muitas conquistas já estão sendo vivenciadas, como a língua de sinais como forma de instrução; as legendas, o intérprete, entre outros, são avanços que deram às pessoas surdas mais visibilidade (ALBERTON, 2015, p. 27).

A professora Carolina Sperb acredita que os dois campos podem trazer mudanças sociais, pois têm o potencial de modificar a perspectiva pela qual a sociedade pensa. Em sua dissertação, ela analisa como os professores compreendem a proposta do atendimento educacional especializado, e como os alunos surdos adquirem a língua portuguesa.

Os Estudos Surdos produzidos nos Estudos Culturais modificaram a abordagem clínica para a abordagem sócio antropológica em que Língua de Sinais é língua natural para surdos, entendendo que os surdos são diferentes, mesmo dentro da sua própria cultura (SPERB, 2012, p. 23).

A professora Francielle Martins, por sua vez, analisa a relevância que os dois campos trazem, ao se relacionarem e aproximarem, para o conhecimento e compreensão da cultura surda, propagando termos como surdismo, audismo e Deaf Gain. Afirma:

Os Estudos Surdos englobam aspectos que permeiam a vida dos surdos, que fazem parte da sua história, que contribuem para o desenvolvimento da sua identidade. A conquista dos Estudos Surdos contribui para o fortalecimento da cultura e da identidade surda, favorecendo a vivência desses sujeitos e o compartilhar de experiências que auxiliam a mudar a visão de outros a respeito de quem eles são. (MARTINS, 2013, p. 32)

O professor Nelson Goettert, em sua dissertação, investiga as tecnologias digitais, o modo como os surdos usam as redes sociais para desenvolver a escrita da língua portuguesa, e como se processa a construção de identidade pela utilização de escrita e língua de sinais:

A construção da identidade surda vai acontecer com a mediação de práticas culturais, pois o sujeito está em contato com diferentes formas de comunicação, de expressão e de relações sociais. (GOETTERT, 2014, p. 39).

E, por fim, a professora Renata Bosse, em sua dissertação, investiga as poesias surdas no Brasil e também a literatura surda. Em uma abordagem da cultura e educação de surdos atuais, observa mudanças em relação a uma época que valorizava a “alta cultura”, somente. A autora descreve, sobre educação de surdos:

A pedagogia, que tradicionalmente privilegiou a chamada ‘alta cultura’, se vê, no caso da educação de surdos, desafiada pelas produções culturais surdas, sendo que tais produções passam, principalmente nas últimas décadas, a serem valorizadas pelas comunidades surdas (BOSSE, 2017 p. 33).

Para finalizar esta seção, gostaria de deixar um excerto da professora Karin Strobel (2013, p. 24) “[...] a cultura não vem pronta; daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas”. Esses professores exploram a cultura surda no campo dos estudos culturais em educação, sempre descobrindo novas e múltiplas experiências. Em relação a dissertação do Diogo, não faço explanação dela, já que não apresenta subsídios em consonância com a linha de pesquisa do presente trabalho, apresenta um olhar focado em outra área de pesquisa, sendo, Memória Social e Patrimônio Cultural.

2 LIBRAS COMO EXPERIÊNCIA E MARCA SURDA DOS PROFESSORES SURDOS.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LARROSA, 2015, p. 18).

Jorge Larrosa (2005) fala sobre o conceito de experiência. Considera que experiência não é excesso de informação, tão pouco excesso de opinião, nem falta de tempo ou excesso de trabalho. Esse conceito, em diálogo com a minha pesquisa, é analisado no contexto da educação, especificamente, referenciando as experiências de professores surdos com a Libras, entendendo aqui o par – experiência/sentido.

Analiso as narrativas em Libras de professores que tenham relação com suas formações e que indiquem as marcas da cultura surda presentes em sua vivência. Essas narrativas são exploradas a partir de pesquisas e de alguns autores que apresento neste trabalho, como Larrosa (2015), que aborda sobre o conceito de experiências, Maura Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2010), que exploram as marcas da cultura surda.

Em relação aos sujeitos surdos, a observação é com base no que essas experiências podem influenciar, como as práticas e os acontecimentos sociais podem transformar os professores surdos, e como corroboram para tal fato. O que precisamos é pensar como o sujeito da experiência relaciona a Libras com a sua vida e formação. Nessa direção, Larrosa (2015, p. 30) nos ajuda a refletir, quando afirma que “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”; por isso, também quero compreender os vínculos entre o conhecimento e as formações de professores:

Nestas condições, é claro que a mediação entre o conhecimento e a vida não é outra coisa que a apropriação utilitária, a utilidade que se nos apresenta como ‘conhecimento’ para as necessidades que se nos dão como ‘vida’ e que são completamente indistintas das necessidades do Capital e do Estado (LARROSA, 2015, p. 31).

Assim, busco entender essa linha sutil entre a relação de conhecimento e vida humana, compreendida na perspectiva de Libras e formação acadêmica, associada ao capital. Para esse entendimento, faz-se necessário também uma reflexão acerca de processos históricos.

As políticas linguísticas, e as políticas públicas de educação de surdos do Brasil, foram fortemente marcadas pelas lutas da comunidade surda, promovendo

mudanças e constituindo experiências dos sujeitos surdos. Uma dessas mudanças ocorreram primeiramente na legislação e, em seguida, no planejamento linguístico. As autoras Ronice Quadros e Ana Regina Campello (2010, p. 29), ao escreverem sobre aspectos políticos, sociais e culturais da Língua Brasileira de Sinais - Libras, reconhecem que: “Essa legislação apresenta não somente a lei, mas um planejamento linguístico para que essa língua seja reconhecida e difundida no país. Esse planejamento está previsto na inclusão da LIBRAS em diferentes espaços da sociedade”. A partir disso, muitas ações foram desenvolvidas, tais como “[...] a criação do curso de Letras LIBRAS, do curso de Pedagogia Bilíngue, do curso para formar intérpretes de língua de sinais e do curso de Letras Língua Portuguesa como segunda língua para surdos” (QUADROS; CAMPELLO, 2010, p. 30).

Os autores Lopes e Veiga-Neto (2010, p. 116) explicam que:

[...] formas de viver a condição de ser surdo, alguns elementos presentes nas narrativas surdas sobre si permitem-nos reconhecer, na dispersão dos enunciados, alguns elementos recorrentes que, ao serem agrupados, conectados e selecionados, nos indicam marcadores comuns dentro de um grupo cultural específico.

Desse modo, indicam que há formas de viver a condição de ser surdo e que a análise de narrativas pode indicar marcadores comuns dentro de um grupo cultural específico. Assim, o grupo de surdos tem uma boa interação, igual ao que vimos nos movimentos de luta para o reconhecimento da cultura surda, da língua de sinais, entre tantos outros.

E, para então reconhecer os elementos recorrentes em enunciados produzidos nas narrativas sobre a formação de professores surdos, pretendo identificar os fatos que foram marcantes ao longo do processo, relacionados com os movimentos políticos e históricos que oportunizaram uma mudança na vida profissional de pessoas surdas, a partir da formação no curso de Letras Libras.

Considero que o sujeito da experiência é, sobretudo, constituído em um espaço onde há acontecimentos. Ademais, o curso de Letras Libras favoreceu o encontro entre os surdos:

O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados que, na língua de sinais, nas políticas, na marcação das diferenças, carregam marcas culturais. Assim, o outro igual é aquele que usa a mesma língua e que consegue trilhar alguns caminhos comuns (QUADROS; CAMPELLO, 2010, p. 32).

Com base nessa citação, reflito sobre a relação que se tem entre o sujeito surdo e a Língua de Sinais. O que se obtém de construção interna com essa relação, o

sujeito surdo, o cidadão, que concebe os movimentos e as lutas, essa é a relação que indica a marca surda.

Sobre essa reflexão, trago também um pouco sobre a perspectiva histórica e social em relação ao sujeito surdo, que era visto como incapaz de trabalhar, que relacionava a surdez à doença. Se pensarmos desde a época anterior à fundação do INES, em 1856 – que esteve voltado ao atendimento de alunos surdos, com um professor surdo de nome E. Huet, que também foi diretor da escola –, como então se acreditava nos surdos, no seu trabalho e na educação de surdos? Aqui podemos dizer que temos uma vantagem, afinal, os surdos estavam em igualdade na sociedade, podiam trabalhar. Logo, compreendemos a citação de Lane, sobre esse ser um fato saliente, pois os surdos começavam a integrar os espaços de trabalho, com necessidade de serem vistos como cidadãos e com utilidade para o Estado. Assim, “Para transformar os ociosos, que constituíam um fardo para o Estado, em cidadãos produtivos, era necessário distinguir os que não podiam trabalhar (doentes e deficientes) [...]” (LANE, 2006, p. 26).

Porém, os efeitos do Congresso Milão, em 1880, em Milão¹², reuniram-se vários profissionais da área médica e alguns da área educacional e, como resultado desse congresso, foi proibida a Língua de Sinais em muitos países. O período de proibição do uso da Língua de Sinais durou cem anos, sendo permitido, nesse período, somente a oralização. Como consequência, a sociedade volta a pensar no surdo por meio de rótulos, como incapaz, com limitações e muitas dificuldades. Mas era necessário conseguir uma mudança em relação a essa situação tão ruim. Os surdos então se organizaram e criaram associações de surdos espalhadas pelo Brasil. Madalena Klein (2013, p. 85) descreve o papel das associações, indicando que “As associações, então, tinham um papel fundamental no treinamento desses surdos,

¹² Apostila da disciplina de História da Educação de Surdos, ministrada pela professora Karin Strobel (2009, p. 49), na qual está descrito um resumo sobre os acontecimentos do congresso de Milão: “Realizou-se Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são ‘preguiçosos’ para falar, preferindo a usar a língua de sinais. O Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro”.

como também nas negociações, no sentido de conquistas legais de garantia à educação e ao trabalho”.

Mais tarde, em 1978, os surdos fundaram a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). A FENEIS então apoia a comunidade surda, na garantia do acesso ao trabalho e estudos, sempre incentivando e estimulando, e, principalmente, garantindo a liberdade do uso da Língua de Sinais, para esta não desvanecer. A partir desses movimentos, foi crescente a oferta de vagas de trabalho, em escolas, universidades, enfim. Harlan Lane (2006, p. 25) nos faz refletir sobre o conceito do termo “rótulo”, ao contar sobre quando ele perguntou, para seu professor universitário, “se ele achava que as pessoas surdas seriam deficientes”, e a resposta foi: “claro que sim”. Segue, segundo o autor, o recorte da fala:

<<Não posso responder à tua pergunta porque uma deficiência não é algo que se tenha; é um rótulo que se adquire>>. Bom, *deverão* as pessoas surdas procurar este rótulo de *deficiência* que lhes é atribuído pelas tecnologias de normalização, consentindo-o, ou deverão resistir-lhe activamente? (LANE, 2006, p. 41).

Situação semelhante, sobre os rótulos que marcaram a vida das pessoas surdas, é narrada na entrevista da professora Francielle:

*[...] meu desejo desde pequena era fazer medicina e atuar em clínica. Sempre quis. Mas sabe, a comunidade surda sempre teve um **rótulo**, que marcava a impossibilidade de o surdo estudar medicina, que não conseguiria emprego nesta área médica. Era o que eu via sempre, que não teria como. Por isso, eu ficava imaginando, quando realizei a inscrição do vestibular para a área da saúde, algo que combinava comigo, escolhi curso de psicologia, só por isso, mas queria realmente ser médica. Então fui para curso de psicologia, também mais próximo da área de saúde (Francielle).*

Até hoje a sociedade tem uma perspectiva do surdo como sujeito sem capacidade, sem poder de escolhas e com muitas dificuldades. Vimos, na entrevista com a professora Francielle, o seu desejo de estudar Medicina, mas como esse rótulo de incapacidade a influenciou a escolher outro curso, que se associava à área da saúde, algo construído socialmente e que, por tempos, foi abstraído.

Situação semelhante de preconceito linguístico é relatada por Djamilia Ribeiro (2017, p. 26), segundo Lélia Gonzalez refletiu, sobre o modo como as pessoas que falavam “errado”, dentro do que entendemos por norma culta, eram tratadas – com desdém e condescendência. A linguagem falada pelos povos negros africanos, escravizados no Brasil, era nomeada como “pretuguês”.

Essa situação é muito interessante e me faz lembrar muito de nós, surdos. Assim como os negros africanos, que, à força, vieram para o Brasil e foram

escravizados, falavam outra língua, igual acontece com os surdos, pois somos rotulados como aqueles que escrevem com falhas, com omissão de palavras. Isso por conta de como, no passado (e ainda hoje), recebemos o ensino: a Língua de Sinais, de certa forma, era ensinada com base na Língua Portuguesa, e havia, é claro, uma certa confusão. Na época do ano 1800, no Congresso de Milão, a Língua de Sinais foi proibida por conta dos seus supostos prejuízos, o que não facilitou a aprendizagem da Língua Portuguesa.

Fatos como esses se associam à fala da Professora Renata Bosse, que lembra o que ficou marcado em sua vida por conta dessas situações e, da mesma forma, como ela se constituiu nessa experiência. Abaixo, um trecho da entrevista em que ela relata uma situação hilária em relação ao termo 'amante':

[...] uma história engraçada, que eu nunca vou esquecer na minha vida, é sobre a palavra amante. Eu associava 'a amante' no sentido de infiel; mas não! Antigamente era usado para significar amor, se chamava de amante da literatura. Isso realmente despertou minha atenção. Esse é um dos exemplos. Ainda há palavras que eu não conheço, mesmo tendo passado já tanto tempo estudando, ainda pelas leituras que realizo percebo que há palavras desconhecidas (Renata).

A professora Renata sentiu a necessidade de estudar e aprender sobre a Língua Portuguesa escrita, por conta do desconhecimento de palavras e sua respectiva escrita, buscando esse conhecimento em cursos. Abaixo, outro recorte, agora do professor Nelson Goettert, sobre o que aconteceu a ele ao decidir realizar o curso de Letras Libras, pois pensava que iria aprender a Língua Portuguesa, conforme segue:

[...] o tempo foi passando e comecei a me observar em relação a esse processo, não me sentia bem com minhas falhas, minha língua portuguesa escrita. Tentava melhorar, me igualar aos demais (Nelson).

Entrevejo uma perspectiva semelhante ao que os autores Lopes e Veiga-Neto (2010) explicam, sobre a marca da cultura surda, sobre suas percepções ao entrevistarem surdos e observarem que havia neles uma dependência da representação dos ouvintes. Eles explicam que, pelas observações durante as entrevistas, fica evidente que escolas para surdos são de fato muito importantes, mas, por vezes, são insuficientes, se comparadas às dos ouvintes, que são consideradas mais complexas, nas quais de fato haveria aprendizagem. Aqui, aproveito para destacar o recorte da fala dos professores surdos, Renata e Nelson, sobre, próximo ao que os autores citados comentam, eles também criarem essa dependência da

representação dos ouvintes. Não que seja algo ruim, mas, sim, algo que lhes foi oferecido nesse processo, a forma como isso foi construído neles. Pois, como comentado pela Renata durante sua narrativa, havia muitas palavras desconhecidas, e ela percebia que lhe faltavam informações, que eram necessários mais estudos para poder compreendê-las melhor. Já com a professora Bruna Alberton, foi um pouco diferente. Ela não tinha contato com surdos adultos na sua infância, as dúvidas eram comuns, não possuía acesso às informações, conforme trecho de sua narrativa:

Fiquei pensando, por que não poderia ser professora de matemática? Morava numa cidade muito pequena, em Uruguaiana, observava na cidade; a faculdade e o curso de matemática era para trabalhar como professora. Fiz essa reflexão por um tempo, até descobrir a comunidade surda e entender que poderia e queria ser professora de matemática (Bruna).

Sua fala é muito próxima ao que passou à autora Karin Strobel (2013, p. 47-48), a qual descreve:

Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo até o bueiro. No meio desta sujeira estava um bicho estranho, de mais ou menos uns seis centímetros, que estava morto. Assustei-me porque o associava com o bicho que vi na televisão noutro dia, jacaré enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insônia, com medo da existência desse bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré, e sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isto.

Essa falta de informação, relatada pela autora, é a mesma descrita por Bruna, que ficava imaginando se poderia ser professora, sempre com muitas dúvidas. Até o dia em que encontrou a comunidade surda, que lhe ofereceu garantia, mais certeza sobre as coisas, uma sensação de segurança. Principalmente por conseguirem passar informações que faltavam a ela, sobre o que podia ou não fazer, esclareceram suas dúvidas, como, por exemplo, em relação à possibilidade de ser professora e poder ensinar ouvintes, auxiliando em suas reflexões. Assim, como aconteceu à autora Strobel, não seria uma dependência da representação ouvinte, mas, sim, falta de informação, pela falta de contato com surdos adultos.

Segundo Djamila Ribeiro, quanto a “o que é lugar de fala”:

[...] não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Essa citação se assemelha muito a fatos ocorridos com surdos, aos espaços que impedem seu acesso e participação. A professora Bruna conta que optou em estudar Ciências Contábeis, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Uruguaiana, porém não houve a presença de um intérprete, o que lhe causou desconforto linguístico e falta de relação com o local. A seguir, um recorte da fala de Bruna:

Então, quando pude optar por uma graduação, eu escolhi Ciências Contábeis. De início, sem intérprete, muita teoria, questões sobre juros, política, logo acabei desistindo (Bruna).

Outro exemplo que podemos associar à citação de Djamila Ribeiro (2017) é o da professora Renata, pois, na universidade em que escolheu estudar, havia o intérprete de Libras. Interessante comentar que, no Rio Grande do Sul, são várias as universidades, a escolha da professora Renata por esta, em Canoas, mesmo morando em Porto Alegre, se deu pelo fato de ser um local com esse profissional. Realmente é algo que dá acesso, acolhe e motiva. Segue o comentário da professora Renata:

Iniciei o curso para estudar Letras, era uma faculdade particular, o Unilasalle em Canoas. Lá, porque tinha intérprete [...] (Renata).

Dando continuidade às reflexões, temos a narrativa da professora Carolina Sperb, que expõe o quanto de satisfação pessoal o curso de Letras Libras a proporcionou, sobre como pode se expressar. Diferente do que acontecia no curso em que estudava concomitantemente, que era de Letras Português, em outra universidade, onde somente absorvia o que era apresentado. Faz uma comparação, indicando o fator da acessibilidade no curso de Letras Libras, como um espaço de liberdade para surdos, de experiências, de subjetividade, de se colocar e significar o lugar da sua fala, sem barreiras ou impedimentos de comunicação. Sem que haja a impossibilidade de se posicionar ou a preocupação com o que vê o outro, que não a compreende. Ela, assim, afirma:

Vejo que o que eu aprendia da Língua Portuguesa se insere no Letras Libras como L2, entendo o Letras Libras como mais acessível. O curso de Letras Português, por conta da língua, tem sua gramática e regras. Eu poderia convalidar essas disciplinas com conteúdos iguais aos presentes no Letras Libras, para não ver tudo de novo, mas não, eu preferi obter mais conhecimentos e também porque o objetivo ali era a Libras. Não como algo básico, mas sim algo a ser visto como uma Língua, como minha primeira língua (Carolina).

Discorrendo ainda sobre essa reflexão, trago mais uma vez o pensamento de Djamila Ribeiro, para podermos dialogar com as pesquisadoras surdas, Gládis Perlin e Flaviane Reis, compreendendo então que local de fala é esse. “Pensar lugar de fala é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo” (RIBEIRO, 2017, p. 84). Ao discutir sobre “SURDOS: cultura e transformação contemporânea”, afirmam:

Deduzindo de nossas pesquisas, presenciamos o surdo contemporâneo como aquele sujeito que se une contra as práticas de dominação e subjugação ou obrigação de hibridizar-se culturalmente, que investe sua força potencial contra as imposições da diversidade, que entra nas universidades ou nos grupos ou nos espaços para investir contra a discriminação, o preconceito, a marginalização, a depredação cultural (PERLIN; REIS, 2012, p. 31).

A relação que podemos fazer dessas duas citações é sobre a semelhança dos fatos e do sofrimento que vivenciaram. As autoras têm situações em comum, remetem à ideia de lugar e de posicionamento, do cuidado em relação ao discurso, postura ética e fala fundamentada, o empoderamento e a relação com a cultura e a língua. Em tempo, fazemos referência a duas situações que se correlacionam, surdos que vivenciaram o preconceito e marcam a afirmação de sua cultura e comunidade, igualmente de quem passou pelo sexismo.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura (LARROSA, 2015, p. 25).

“As transformações que atingiram os surdos são muitas. Elas perpassam os campos da política, da cultura dominante e se apropriam de novas questões que visam à construção do povo surdo” (PERLIN; REIS, 2012, p. 41). A exemplo, temos a fala de um dos entrevistados, o professor Nelson Goettert. Um sentimento de satisfação e segurança é descrito por ele quanto a sua formação no curso de Letras Libras, sobre ensinar ouvintes, pois se sentia confortável caso perguntassem para ele sobre questões relacionadas à Língua de Sinais, o curso havia oferecido esse subsídio. Antes do curso, não estabelecia essa relação com sua Língua, pois havia perguntas que não sabia responder, como, por exemplo, o que e como é o processo da Libras, mas passou a compreender e o associar com o que estudava. Essa prática,

de estudos e trocas, lhe ofereceu essa segurança, compreensão das relações com sua língua própria, o que antes não tinha. À medida que começa a estudar e entender a língua e suas relações, sente-se preparado para o ensino dessa língua. A seguir, um recorte de parte da entrevista:

Ouvintes pensam que é muito diferente, no sentido de menor valor, não, não é. Tem valor linguístico da mesma forma, enfim, compreendi os porquês tão insistentes vindos dos ouvintes. Eles gostaram quando pude ensinar o que é próprio da cultura, que língua portuguesa não é minha L1. Eu realmente sou muito grato ao curso do Letras Libras, pela importância, pelo valor, por toda aprendizagem, por toda ajuda oferecida, pelos diferentes conhecimentos (Nelson).

Para articular o relato do professor Nelson, trago a citação de Perlin e Reis (2012, p. 42), que falam sobre:

O fato de hoje existirem surdos professores atuando em espaços de ensino superior, faz com que, na medida em que interagimos nesses locais, vamos quebrando com as formas de preconceito que ainda se lançam sobre nossos grupos, oportunizando a promoção da cultura e identidade, e do povo surdo.

Este capítulo teve o objetivo de mostrar experiências do sujeito surdo, suas marcas, apresentando narrativas que evidenciam acontecimentos ocorridos com a comunidade surda; principalmente, a relação da Libras com a vida do surdo.

3 LIBRAS COMO OBJETO DE CONSUMO?

A sociedade contemporânea lida com sujeitos provenientes de culturas diferentes e afetados e movidos pela polifonia de discursos que vêm das diversas fontes de informação. Os artefatos contemporâneos, do ponto de vista do surdo, são instituições ancoradas nos pontos de vista conservadores ou da substituição e da tolerância (PERLIN; REIS, 2012, p. 29).

Para a abertura deste capítulo, aproveito a fala das autoras Gladis Perlin e Flaviane Reis, que reforça o quanto os surdos se mantêm nos movimentos e lutas, num processo de construção contínua entre os estudos da área de surdos e a sua participação nos espaços acadêmicos, dentre eles: o curso de graduação em Pedagogia Bilíngue e o Letras Libras.

Aqui, falo da minha pesquisa, que tem o foco no sujeito entrevistado, mas que se construiu nessa formação do Letras Libras, num movimento constante de absorção da cultura, da compreensão de mundos – dos surdos e dos ouvintes, a percepção da diferença entre eles e seu arcabouço teórico construído no Letras Libras, para responder às demandas aqui presentes. As tecnologias auxiliam também nesse processo de assimilação das informações, ainda mais do que o oferecido pelo Letras Libras, que, além do ensino, envolve-se em questões políticas e com uma gama de disciplinas que se preocupam com a construção do sujeito. As redes sociais fazem circular todas essas informações presentes socialmente e facilitam o acesso do surdo ao seu contexto. Os surdos podem não acessar os jornais escritos, rádios ou reportagens televisivas sem legendas, mas podem ter esse contato pelas acessibilidades presentes na língua de sinais. A informação pode vir falha por alguns meios de comunicação, quando não há acessibilidade, mas dificilmente não serão bem interpretadas quando disponíveis na Língua de Sinais. Isso pela clareza com que a informação pode ser absorvida quando é sinalizada.

Este trabalho busca falar também sobre essa produção individual, por parte dos entrevistados, de como fazem uso dessa língua, como absorvem através dela, na imersão do Letras Libras e a Língua de Sinais; o saber e o conhecimento que são inerentes a esse processo, que inevitavelmente tem relação com a transformação pessoal.

A citação inicial do capítulo é pensada sob a perspectiva das autoras, sendo elas surdas e professoras, sua vinculação com a Libras, a construção dessa relação de absorção, a forma como foi consumida essa ligação, estabelecendo assim uma identidade. Tudo isso em conexão com o consumido, que é a Libras, as

transformações a ela inerentes, da absorção pelo sujeito e o contrário, como língua viva, das suas mudanças por conta do sujeito consumidor. Assim, posso dizer que faço uso, de forma recorrente, da Libras, seja pelo YouTube, através de vídeos, das redes sociais, dos grupos que se inserem no Facebook, Instagram, ou seja, dessas opções que encontramos presentes na Internet. Ambientes no quais os surdos estão envolvidos, consumindo e, inevitavelmente, associados ao curso de Letras Libras. Aqui, podemos indicar que o curso de Letras Libras é o que desencadeia essa construção e essa transformação relacionada à Libras, o uso frequente de todos os recursos anteriormente indicados e que estão presentes na internet e que influenciam nas mudanças pessoais. Aqui, resalto a construção de processos de consumidorização, um neologismo que explica como eu, surdo, me construo e me modifico na relação com os espaços influenciadores do território da comunidade e o Letras Libras. Ao mencionar este termo, me refiro aos processos em que o sujeito surdo se torna consumidor e, ao mesmo tempo, objeto de consumo. Em discussão com o tradutor intérprete de Libras, optamos por cunhar este termo utilizando o sufixo -izar ou -ização, que significa “tornar-se”. Assim, entende-se que por meio desses processos é que um sujeito se torna objeto de consumo e consumidor.

E o que há no Letras Libras que faz inferência a esse espaço virtual? Explico: as aulas, que são através de videoconferências, materiais, atividades e trabalhos que são filmados. Tudo auxilia nessa construção das regras, do uso das filmagens. Nas narrativas dos entrevistados, se expõe o que aconteceu dentro do curso Letras Libras, também se fala sobre o mestrado e a percepção de cada um sobre essa construção, a influência do Letras Libras, seu entrelaçamento com a Libras, sobretudo depois que entendemos que, sem a Libras, seriam inexistentes as construções e a absorção das informações que edificam e transformam esse sujeito surdo.

Outra referência que faço é em relação à mídia, como tem se manifestado, as estratégias utilizadas para fortalecer, como tem de fato fortalecido, visualmente esse consumo, bem como as influências no tocante às transformações, no jeito de pensar e de agir das pessoas. Trato, mais especificamente, sobre os surdos, que se propõem então a uma nova caminhada, também influenciados e igualmente tocados pela mídia, que buscam uma formação no curso de Letras Libras – não só por questões relacionadas ao trabalho, mas, igualmente, também pelas novas possibilidades de oportunidades em suas vidas.

A autora Daiane Pinheiro (2011), em sua pesquisa, aborda o tema *produções surdas no YouTube e o consumo da cultura*. Para ela, “A cultura surda é significada cotidianamente de forma a produzir identidades em sujeitos que experienciam o mundo visualmente por meio da língua de sinais” (PINHEIRO, 2011, p. 30). Para complementar, ainda na ideia de cultura e consumo, Perlin e Reis (2012) certificam que “O momento em que ele se afirma como diferente, como construtor e como consumidor de uma cultura da qual se orgulha igualmente” (PERLIN; REIS, 2012, p. 39).

Podemos aqui observar, segundo as citações apresentadas, que as questões indicadas fazem referência ao visual, que inevitavelmente tem relação com a Língua de Sinais. O surdo constrói sua cultura na condição de sujeito surdo, mas, para isso, ele precisa ter a Língua de Sinais, pois através dela se apropria de informações e constrói conhecimento. O que possibilita, assim, um orgulho acerca desses saberes, da construção desse conhecimento, do conhecimento próprio da cultura surda e que é construído dentro da comunidade surda. São os hábitos adquiridos com o povo surdo: quanto mais convivência, maiores são as aquisições de conhecimento e aqui, de forma muito evidente, temos o Letras Libras. Não somente nesse curso, pois não se negam as experiências anteriores, nos outros momentos, nas escolas, como bem vimos nas narrativas dos entrevistados. A construção do saber, por eles indicada, a identidade surda e o empoderamento, envolvem cultura surda e a Libras, que tem entre si uma relação muito forte e que dão ao sujeito surdo uma abundância de saberes e conhecimentos.

Acredito que isso possa ocorrer em outras comunidades, com grupos de pessoas com diferentes identidades, etnias, a exemplo de comunidades indígenas, negras ou, igualmente, os surdos. A reflexão aqui é sobre como essas pessoas podem ser responsáveis pela divulgação dos seus movimentos, das lutas e das defesas, seja por escolas bilíngues, sobre esclarecimentos acerca da cegueira, da surdez ou de questões raciais. Para tanto, indispensavelmente precisam contemplar um conhecimento sobre sua cultura e sua língua, observando as construções e defesas que fazem em seus movimentos.

Além disso, sobre o conceito de consumo, aproximo-me de alguns autores que tratam do assunto, como o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2008), em especial seu livro intitulado *Vida para Consumo*, bem como o autor Néstor García Canclini (2008), principalmente o seu livro *Consumidores e Cidadãos* e, por último, o autor

George Yúdice (2013), que publicou uma obra intitulada *A conveniência da cultura: Usos da cultura na era global* – autores e obras que endossam as discussões aqui apresentadas.

Diante do conceito de consumo, proponho-me a analisar as narrativas dos seis sujeitos surdos identificados, por meio daquilo que contam sobre as mudanças ocorridas depois da conclusão de sua graduação em Letras Libras. A proposta não é a de investigar o Curriculum Vitae de cada um, traçando o perfil profissional desses sujeitos, a fim de oferecer uma vaga de trabalho em uma empresa, mas a produção de um entendimento envolvendo a constituição de suas subjetividades e os processos de consumidorização. Da mesma forma, as influências sugeridas às associações de surdos, encontros entre surdos adultos, trocas de experiências, as comparações com tempos passados e a atualidade, todas as possibilidades relacionadas ao consumo, não como critério de compra, de mercadoria, mas de mudança no processo a partir da apropriação de algo novo, sobre o processo subjetivo.

Para elucidar um pouco sobre o conceito de subjetividade, trago novamente Bauman (2008). O autor declara que “A ‘subjetividade’ do sujeito, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2008, p. 20).

Ao refletir sobre o que coloca Bauman, compreendo o fato de termos nossa subjetividade, em determinados momentos, influenciada, se determinando a algo em específico, que satisfaça, exatamente, o que o consumo nos proporciona. O intuito é, através das pesquisas, relacionando-as a este contexto, verificar também o objetivo individual dos sujeitos da pesquisa, de que forma isso atinge a vida de cada um, no cenário social, e a relação entre essas duas situações. O conceito *consumo* vem se repetindo em nosso texto, então menciono alguns sentidos que ele pode adquirir. Consumo é um vocábulo com algumas derivações (como consumidor), e usualmente assume outros significados, como exposto no Dicionário Aurélio (2005, p. 261):

con.su.mo *sm.* 1. Ato ou efeito de consumir, de gastar. 2. Uso de mercadorias e serviços para satisfação de necessidades e desejos humanos.
con.su.mi.dor (ô) *adj.* 1. Que consome. *sm.* 2. Aquele ou aquilo que consome. 3. *Econ.* Indivíduo ou instituição que compra bens para seu consumo.

Sob a perspectiva de Bauman, Felczak (2015, p. 3) entende o consumo como um “[...] termo que começa a sair do âmbito estritamente econômico e social, ganhando um significado dentro da filosofia: quando o ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda”. Assim, a compreensão acerca desse conceito ganha um novo viés, sai do foco exclusivamente econômico e passa a ser contemplada também na esfera filosófica, considerando que Bauman é filósofo, e essa nova compreensão é indicada por ele, razão pela qual entendemos essa relação.

Assim, à medida que os surdos vão se inteirando e participando das redes sociais, são incitados por todas as informações e recursos a ela inerentes. Ocorrem mudanças com base nessas novas influências, que, segundo os entrevistados, passam a ser sujeitos objetos de consumo, com as implicações trazidas pela formação em Letras Libras e as significâncias das redes sociais.

Esse mesmo exemplo pode ser usado pensando na estrutura em que o surdo é o objeto, e o curso de Letras Libras e as redes sociais são os condutos de apropriação de estímulos, transformam à medida que instigam.

O consumo em si não tem um núcleo, mas, sim, várias estruturas que servem para que ele se perpetue continuamente. Para elaborar uma visão coesa dos consumidores e de suas estratégias de vida, deve-se ‘reconhecer que esses mercados estão necessariamente incrustados em complexas matrizes políticas e culturais que conferem aos atos de consumo sua ressonância e importância específicas’ (FELCZAK apud BAUMAN, 2008, p. 34).

Nesse sentido, argumento que o sujeito surdo passa por processos de consumidorização e, ao se deparar com textos legais, bem como ao longo do seu processo escolar, passa a participar de discussões em suas escolas sobre os movimentos surdos e encontros organizados pelas associações ou instituições responsáveis. Isso significa que o surdo vem a se tornar, se modifica nesse processo, principalmente pelo uso da Língua de Sinais, essa vinculação intrínseca.

[...] essa política situa as questões relativas à cidadania dentro dos meios de representação, perguntando nem tanto quem conta como cidadão, mas como ele é construído; não quais são seus direitos e deveres, mas como eles são interpretados; não quais são os canais de participação na formação de opinião e na tomada de decisão, mas quais as táticas que permitem que se intervenha nesses canais e processos decisórios em prol dos interesses dos subordinados (YÚDICE, 2013, p. 246-247).

Cabe ressaltar, e em concordância com o autor, que esse processo é compreendido de forma contextualizada e não individual, ou seja, me permito, como sujeito, a auxiliar no empoderamento do outro, que é surdo também. Esse movimento é importante e não pode ser interrompido.

Circunstâncias essas que levaram, em larga escala, muitos surdos a empreenderem a luta pelo direito a uma educação bilíngue, entendendo que, para tal ocorrer, dependeriam de profissionais que se formassem para ensinar, como profissionais que interpretam e traduzem. Assim, eles tomam uma decisão: a de buscar formação para atuar no nível superior, mas não se restringiram a esse objetivo, buscaram também a satisfação pessoal, profissional, o sentir-se cidadão, o conhecimento adquirido, a possibilidade de poder ensinar sua língua em disciplinas dos anos finais do ensino fundamental, ensino médio e superior.

Ainda, igualmente ao que ocorre na sociedade de forma geral, formações de professores surdos passaram a ser algo que impulsiona e facilita as promoções no mercado de trabalho, também no quesito salário e qualidade de vida. Reforça-se, desse modo, o quanto desejo salientar o meu direito social, de estar em igualdade com os demais, envolvendo minha construção individual com o que é meu de direito. Há necessidade de se conhecer primeiro de quem se fala, no caso a Libras em contexto com as redes sociais, esse envolvimento com o sujeito surdo, que o empodera e fortalece, mas não individualmente, mas enquanto comunidade, grupo social.

Também cito o artigo das autoras Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira*, sobre análises e aproximações aos espaços da cultura surda, sendo: produções editoriais, produções com circulação livre na internet e produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras/Libras. Nesse trabalho, é interessante observar que elas coletaram, através de suas pesquisas, o total de 183 produções provenientes de alunos de diferentes regiões do Brasil. Citam que perceberam, na área acadêmica, a necessidade de se ter registros constantes das produções em Língua de Sinais, como uma marca cultural surda, observação cuja influência é notável, pois há tempos não havia o registro da língua de sinais, se tentava apenas o registro escrito, postergando o uso da Libras. Assim, hoje percebemos o quanto os registros têm colaborado com a difusão da língua, dos conhecimentos, das informações, dos fatos históricos, da possibilidade das traduções, situações antes desconhecidas. Aqui faço um destaque sobre a Libras,

o que ela tem oferecido para as pessoas que dela fazem uso: entendimento, conhecimento, compreensão, segurança. Os registros e publicações são, de fato, fundamentais, há um movimento nesse sentido que não pode parar.

Em geral, os acadêmicos manifestaram a preferência por narrativas e poemas traduzidos para a língua de sinais. Nesse caso, destacam-se as produções com marcadores da cultura surda, que apresentam ensinamentos para a vida, que possibilitam a imaginação e diversão e que priorizam performances em língua de sinais. (KARNOPP; KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 26).

Segue o caso da professora Renata, que coletou materiais referentes às pesquisas realizadas por professores no GIPES, do projeto *Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira*, para alicerçar seu mestrado. Ela cita que:

No mestrado, estudei sobre poesia. Fiz a seleção de mais ou menos 80 vídeos em Libras¹³, incluído YouTube, projetos da UFRGS, de disciplinas que continham poesias em Libras, selecionei e pesquisei, realizando análises desses vídeos para o mestrado. Do montante de 80 vídeos selecionados, efetivamente eu trabalhei com 10, de poesias de surdos. Bem, percebi, em relação a materiais para surdos, comparado a minha época escolar, quando não havia nada de literatura em Libras ou materiais para surdos, que agora temos muitas publicações, muitos vídeos e dos mais variados gêneros, facilitados pelas redes sociais, Facebook, YouTube, enfim, são muitos os canais de acesso hoje (Renata).

Renata comenta que esse acervo de vídeos lhe parecia um baú fechado, indica ainda que é um material muito importante, razão pela qual não poderia ficar guardado, esquecido. Pelo contrário, fez questão de apresentar os documentos contidos nesse baú, reiterando que a história precisa ser preservada. Isso mostra o quanto a prática dos sujeitos está sempre relacionada com o contexto do triângulo, inevitável que não seja dessa forma, pois sempre irá envolver as redes sociais, o Letras Libras e o sujeito surdo. Para reforçar e complementar a fala da Renata, cito:

A Literatura Surda, como área de pesquisa que vem se fortalecendo a partir dos cursos de Letras-Libras, vem possibilitando que muitos registros e estudos sejam realizados. Antigamente os poemas em língua de sinais se perdiam, com a falta de registro e efetiva troca entre as comunidades surdas. Esse movimento de registro dos poemas (impresso ou digital) vem favorecendo a criação poética, sendo que as produções de novos textos em língua de sinais vêm ganhando força em quantidade e também, força estética e temática, servindo como fortaleza, um local seguro para a comunidade surda, onde a cultura e a língua são preservadas (BOSSE, 2014, p. 88).

¹³ Para corrigir a quantidade de vídeos, eis a citação da dissertação de Renata Bosse (2014, p. 14): “Para a escolha dos poemas, visualizei setenta e dois (72) poemas, parte do meu arquivo pessoal, mas também retiradas do banco de dados do projeto ‘Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira’, do site literatura surda e do YouTube”.

Outro caso que posso citar, e que envolve as redes sociais e outra forma de consumidorização, é o exemplo da professora Francielle e seu marido, Fabiano Rosa. O casal criou uma na página no Facebook¹⁴ com a intenção de mostrar o desenvolvimento da filha, a Fiorella. A página funciona como um diário. A intenção é apresentar como a filha desenvolve a comunicação, a aquisição da Língua de Sinais, sua L1. Esse canal possui inúmeras visualizações e forte circulação na internet. Esse exemplo foi retirado do jornal eletrônico *O Globo*, e me chamou a atenção por conta do subtítulo: '*Sempre fomos e ainda somos invisíveis da sociedade*'¹⁵, afirmação feita por Francielle Cantarelli, autora da página *O diário de Fiorella*. As redes sociais são os recursos mais utilizados socialmente, todas as novidades são facilmente notadas por esse meio virtual. E, mesmo aquelas pessoas que não fazem uso das redes sociais, empregam, de alguma forma, outros recursos virtuais, como o jornal, por exemplo. Outra observação importante, sobre o exemplo do *Diário de Fiorella*, é a possibilidade do registro desse processo de desenvolvimento, da aquisição da Língua de Sinais. Faço essa advertência considerando que, no passado, havia pouco registro e pouco material para a pesquisa, assim, essa página passa a ser mais uma fonte de pesquisa, como o YouTube. Para falar sobre esse meio, uma outra autora que destaco, por fazer referência ao consumo e também à questão do registro, anteriormente citada, é Pinheiro (2011), com sua obra *Produções surdas no YouTube: consumindo a cultura*. Para ela:

O YouTube assume um espaço significativo para a comunidade surda não só na circulação e no consumo, mas também como registro cultural desse povo. Torna-se, desse modo, um lugar de arquivamento em que os surdos podem produzir enunciados e registrar-se historicamente em um tempo/espaço (PINHEIRO, 2011, p. 32).

A autora reforça a necessidade do registro cultural, provas de como acontece a aquisição da linguagem por criança surda, seu processo de desenvolvimento da alfabetização, as descobertas, as estratégias de ensino, nesse exemplo do *Diário de Fiorella*. Ainda sobre esse tema, destaco que os pais da Fiorella são professores e

¹⁴ Mais informações sobre a página *O diário da Fiorella*: <https://www.facebook.com/pg/odiariodafiorella/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 31 maio 2019.

¹⁵ Na página do jornal *O Globo*, onde encontrei a entrevista da Família: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/pais-surdos-criam-pagina-para-mostrar-desenvolvimento-de-filha-de-2-anos-tambem-surda-22037891>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

formados, ela, no Letras Libras, e ele, em Pedagogia; logo, o processo de consumidorização inevitavelmente envolve também crianças. A aprendizagem dos pais, no Letras Libras, pôde ser processada e pensada para a construção de conhecimento também da filha, e, por meio das redes sociais, é possível compartilhar essas informações, que podem ser de utilidade para outras pessoas as utilizarem em outros espaços e estratégias com outras crianças.

É possível perceber que o destaque não é somente a Língua, mas também sobre as experiências visuais, linguísticas, aquisição da linguagem e da educação de surdos, e como isso, em conjunto, pode ser absorvido pelo sujeito, assegurando a informação, o conhecimento, a comunicação e a interação com a sociedade, de maneira geral.

Um outro exemplo a ser citado, que envolve o uso da tecnologia, é extraído da entrevista com o professor Nelson, que descreveu sobre sua pesquisa de dissertação do mestrado:

Nesse processo passei no mestrado na UNISINOS, em São Leopoldo/RS, conciliei as duas áreas de conhecimento, informática associada a Libras, unindo o conhecimento desta área, as tecnologias, celular, as legendas e o Letras Libras, e do português, uma aprendizagem que evoluiu com a tecnologia. Se eu tirasse essa base de [português], somente sinalizasse, como eu estaria?! Por isso unir as duas áreas para mim foi de extrema importância. Por exemplo, se outra pessoa deixar o português e somente sinalizar, creio que teria dificuldades futuras, problemas em conseguir se comunicar. E isso é independência, saber a língua portuguesa. Acredito que se aprender o português e a tecnologia, é valorizada a língua, isso é desenvolvimento e aprendizagem. Caso isso não houvesse acontecido, penso que estaria num padrão mediano da sociedade. Nada de diferente para mostrar. Já realizei algumas pesquisas com adultos, na faixa etária adulta, com atrasos. Agora, abaixo de 11 ou 12 anos, é muito cedo para se utilizar a tecnologia, alguns já dão celular com a desculpa da legenda, notebook, Facebook, tudo isso é um excesso de informações. O que antes não tínhamos. A ferramenta do Facebook é nova, iniciou em 2010 ou 2009, não lembro. Percebo o excesso de informações crescentes através dessa ferramenta, dessa rede social, sim aí também a importância de unir as duas áreas de conhecimento, que ajuda no desenvolvimento de aprendizagens (Nelson).

Nelson indica o uso das tecnologias considerando como o surdo, por aprender a LP, pode melhorar essa aquisição de L2, por meio da internet, mais especificamente do Facebook, ferramenta empregada por ele. Nelson considera importante o uso da tecnologia pela sociedade, a minoria de surdos e a maioria de ouvintes, mas se organizando e possibilitando os negócios, os trabalhos em parceria, as interações e as amizades. Ainda precisa-se considerar que, em alguns espaços, há necessidade de se saber a língua do outro, há os aspectos envolvidos em línguas nacionais, as estratégias de uso e o respeito pela língua do próximo, no caso, a LP e a comunicação com as palavras dessa língua. Enfim, as redes sociais, aqui mais precisamente o Facebook, apresentam um grande número de informações, que são claramente

expostas por vídeos, recursos visuais, o que com certeza respeita as demandas do sujeito surdo e o oportuniza conexões e aprendizagens necessárias, o que não ocorreria se houvesse somente informações expostas através de textos. Nelson explica que muito pôde aprender, ao estudar na graduação de Informática e de Letras Libras, mas destaca, nesse processo, sua preocupação com o futuro dos surdos, ao pensar na L2, enxergando então a tecnologia como um aliado à essa aprendizagem.

Tudo o que ocorre hoje em dia, a partir de nossa geração, pode ser armazenado na internet, porém, deve ser registrado de forma visual, garantindo as experiências surdas, que é o mais importante, já que não são todos os surdos que têm conhecimento de leitura e escrita. Assim, através de vídeos em Libras, de fotos, é possível para todos compreenderem o que está sendo indicado, informado, ressaltado novamente, essa apreensão pode ser realizada de igual modo por todos os surdos, através das experiências visuais, da Libras. Aqui se pode considerar, ainda, que todas as informações, ao serem apresentadas para os surdos, necessariamente devem ser contextualizadas e explicadas de forma clara, para então serem associadas à LP.

Segundo Canclini (1998, p. 263):

[...] se a intersecção do discurso 'midiático' com outros mediadores sociais gera um campo de efeitos e esse campo não é definível só do ponto de vista da produção, conhecer a ação das indústrias culturais requer explorar os processos de mediação, as regras que regem as transformações entre um discurso e seus efeitos.

O autor pontua as transformações que influenciam e transformam os sujeitos pelos discursos midiáticos, quaisquer que sejam, e que fazem parte das redes sociais.

Outra situação importante que apresento é o caso da Carolina, que, em entrevista, fala:

No Letras Libras, eu me expressava, exigia coragem, eu precisava me expor. Antes eles falaram que os vídeos eram importantes, assistir e tal, mas eram poucos os vídeos, e o Letras Libras ajudou e muito nessa difusão. Hoje temos variedade, um exemplo é o que temos aqui, uma entrevista filmada, muito chique (Carolina).

Ela pontua o quanto é importante que sejam bem disseminadas as informações através dos vídeos, que são extremamente importantes para os surdos. Um exemplo que podemos citar são as entrevistas realizadas para este trabalho, que foram feitas

por meio do registro de filmagem, em Libras e com toda a clareza de compreensão necessárias para uma situação como esta. Significa, então, que é fundamental à língua a sua valorização, tanto para o registro, garantia do acerto por ouvintes e por surdos, na mesma necessidade, associado às redes sociais, pela importância de as informações circularem e serem apropriadas pelas pessoas.

Para finalizar esta parte, apresento o último processo, com a entrevista do Diogo e sua fala sobre integração com colegas pelo uso da tecnologia:

Já o Letras Libras me possibilitou mais encontros e contatos, considerando a diversidade de polos espalhados pelo Brasil. Eu estudava no polo de Santa Maria, mas como tínhamos vários polos o contato e as interações aconteciam entre nós, nos fóruns, nas discussões, isso realmente me marcou. Esse contato com outros sujeitos semelhantes a mim, bilíngues, esses encontros, toda essa interação foi o que mais me marcou, principalmente isso, porque foram quatro anos assim (Diogo).

Sobre o processo de consumidorização, podemos dizer que o curso de Letras Libras foi importante para ele. Diogo percebeu o quanto havia de surdos semelhantes à sua própria condição, de bilíngue, por meio do contato com a internet via videoconferências, encontros quinzenais, possibilidades de encontros e bate-papos com pessoas de diferentes lugares do Brasil, já que eram nove polos espalhados. Aqui, o espaço visual é vinculado claramente pela videoconferência, enquanto os ouvintes costumam empreender a conversa via escrita de textos, bate-papo no celular ou reconhecimento da voz, o surdo, diferentemente, irá apenas reconhecer o outro visualmente, na conversa. A tecnologia tem facilitado e muito esse processo.

A discussão apresentada indica não somente o acesso à informação, mas, em boa medida, o que essas informações possibilitam de transformação na vida das pessoas que delas se apropriam. Muitos dos formados em Letras Libras, posteriormente à conclusão do curso, trabalham na área, têm contato com os surdos, participam de associações de surdos, todas essas situações são importantes quando atreladas às informações e divulgações, evitando o esvaecer da língua.

A formação no Letras Libras facilita o empoderamento da comunidade surda, estimulando, também, o entendimento da cultura surda, não somente conhecer o surdo. Tem a ver com o patrimônio cultural e linguístico, a construção do conhecimento, da língua do surdo.

Adicional às terminologias apresentadas, abordaremos também sobre o conceito “conforto”, porém, em uma perspectiva diferente da usualmente conhecida. O autor Canclini (2008, p. 30), numa passagem do seu livro *Consumidores e Cidadãos*, traz a ideia de “conforto” para se referir à condição daqueles “que saíram

do campo para as cidades”, analogia que faço à condição dos surdos antes e depois da formação em Letras Libras. Como se, anterior ao curso, fossem cidadãos invisíveis, presentes numa sociedade que não os percebia. A tecnologia e seu crescente uso vieram trazer, ao surdo, a tranquilidade de cidadania, a facilidade das filmagens, clareza das informações e a presença constante dos recursos visuais, nos remetendo ao principal artefato, da experiência visual, pertinente à comunidade surda. Essas observações também foram indicadas explicitamente na coleta de dados, obtidos nas entrevistas pelos vídeos e pela sinalização, que favorecem a construção de sujeito.

No século XXI, por consequência das novidades, informações, principalmente o avanço das tecnologias, muita coisa mudou na vida da comunidade surda. Para destacar, referindo sobre as diferenças entre os consumidores do século XXI e os cidadãos do século XVIII, Canclini (2008, p. 30) coloca que:

[...] a satisfação pelo que tinham conquistado aqueles que saíram do campo para as cidades, pelos avanços da industrialização e a chegada à existência cotidiana de novos itens de conforto (luz elétrica, telefone, rádio, talvez o carro), tudo aquilo que os fazia sentirem-se habitantes privilegiados da modernidade.

Aqui, evidencia-se o conceito de forma mais próxima ao compreendido de maneira mais rotineira. O foco que pretendo apresentar, a compreensão acerca do conceito, é em outro âmbito, quando faço alusão ao sujeito surdo como cidadão. Questiono-me sobre o que é, para esse sujeito, o conforto. Como surda, posso confirmar que, o que nos dá essa sensação de conforto, é a Língua de Sinais, as associações de surdos, o Letras Libras, por apresentar material bilíngue (que é uma satisfação para todo surdo), possibilidades de aprendizagem, novos conhecimentos, acesso à informação, professores surdos sinalizando o conteúdo em tempo integral.

Assim, o processo de consumidorização é compreendido como algo subjetivo, próprio do cidadão, logo, todas as ponderações e reflexões teóricas feitas até esse momento, que envolvem tecnologias, redes sociais e educação, que inclui a Libras, todos esses são fatores apreendidos pelo sujeito surdo nesse desenvolvimento. É importante observar o que todos esses elementos trazem como contribuição para a constituição desse cidadão, sem se restringir à Lei ou ao curso de Letras Libras, mas, de maneira geral, perceber todos esses aspectos, que são também decorrentes dos encontros das comunidades ou associações de surdos e do período de suas vidas, quando tiveram contato com esse contexto. Mas, sobretudo, é importante atentar ao

fato de que, independente do elemento, fator ou contexto, o que se fez presente para auxiliar, em todo esse processo, foi a Língua de Sinais e o valor a ela conferida e aqui compreendidas como consumo e base de subjetividade e transformação da pessoa surda.

4 A FORMAÇÃO EM LETRAS LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO

[...] o capital, conceito necessariamente abstrato, passa a se apresentar coberto com roupas humanas; vestindo características e atributos até então apenas vistos no homem. O capital, desta vez, concretiza-se não em dinheiro ou mercadorias, mas em atributos humanos; o capital é investido de formas humanas (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 184).

A presente pesquisa não tem a intenção de trazer indicativos econômicos, mas, sim, a relação da educação com a transformação humana em capital, conforme referido na citação acima. Logo, a compreensão é a de que podemos citar, como capital humano, a bagagem de formações presentes na vida de uma pessoa, como se pudessem ser vestidas, indicando assim suas habilidades e conhecimentos, situação presenciada entre os professores entrevistados. Eles se revestem de pelo menos duas formações com conhecimentos e habilidades respectivas.

Para tratar sobre a teoria do capital humano¹⁶, apresento as teorizações do economista e professor na Universidade de Chicago, Theodore Schultz (1973), que, juntamente com um grupo de pesquisadores, aborda, em uma de suas publicações, o seguinte tema: *O capital humano: investimento em educação e pesquisa*. A ideia não é centrada somente na economia pura e simples, mas, sim, associada à educação e formação permanente.

Outro autor que também aborda o tema é López-Ruiz (2007; 2009). Sobre o conceito de capital humano, o pesquisador argentino Osvaldo López-Ruiz (2007, p. 183), em seu livro, *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo*, argumenta “[...] que o ‘humano’, um conjunto de capacidades, destrezas e aptidões próprias dos homens, adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital – entendido como uma soma de valores de troca que serve de base real a uma empresa capitalista”.

Igualmente, trarei, associado ao tema, o entendimento sobre consumo, seguindo as pesquisas realizadas com os entrevistados, formados no Letras Libras, sob a perspectiva das mudanças posteriores à sua formação, observando o seu perfil, habilidades e agilidades na utilização das mãos, suas narrativas e formação. A ideia

¹⁶ O nascimento da Teoria do Capital Humano foi em 1958, mas Schultz publicou o artigo em 1959, na Escola de Administração do Serviço Social na Universidade de Chicago. Em 1971, publicou-o novamente como o terceiro capítulo do seu livro: *O Capital Humano: investimento em educação e pesquisa* (Resumo nota do livro de LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 183-184).

é conseguir realizar uma análise comparativa com as pesquisas dos referidos autores e os entrevistados presentes na minha pesquisa. Assim, busco compreender se há investimento sobre o capital humano, associado à experiência e à formação permanente. Outra questão é entender como ocorre esse diálogo entre o capital humano e a formação permanente, mais precisamente do Letras Libras, vinculados à outra formação, que insere os conhecimentos anteriores.

Para se compreender como se constrói e se empregam esses conceitos, associados à pesquisa, e entendendo que capital humano e consumo são concepções complexas e que não podem ser explicadas ao mesmo tempo, trago a citação de Schultz, considerada como introdução básica à teoria do capital humano:

A característica distintiva do capital humano é que ele é parte do homem. É humano porquanto se acha configurado no homem, e é capital porque é uma fonte de satisfações futuras, ou de futuros rendimentos, ou ambas as coisas. Onde os homens sejam livres, o capital humano não é um ativo negociável, no sentido em que possa ser vendido. Pode sem dúvida ser adquirido no mercado, mas por intermédio de um investimento no próprio indivíduo. Segue-se que nenhuma pessoa pode separar-se a si mesma do capital humano que possui. Tem de acompanhar, sempre, seu capital humano, quer o sirva na produção ou no consumo (SCHULTZ, 1973, p. 53).

Para além dessa compreensão, é importante destacar também quem é que investe em capital humano e para quais finalidades. Assim, o autor López-Ruiz esclarece:

[...] pode ser a sociedade em seu conjunto através da educação pública ou de programas de saúde geridos pelo Estado; em muitos casos são as empresas, principalmente através de programas de treinamento on-the-job, através de suas universidades corporativas ou de seus programas de capacitação que visam treinar desde capacidades específicas até gerais, como pode ser um curso de língua ou o financiamento de um curso de pós-graduação; importantes investidores muito frequentemente são os pais, os que apostam no capital humano de seus filhos; e, por último, a própria pessoa, o próprio homem investe em si mesmo, sendo talvez o principal investidor nesse tipo de capital (LÓPEZ- RUIZ, 2007, p. 204-205).

Aqui, destaco os seis entrevistados que, assim como eu, escolheram o tipo de investimento a fazer, o de estarem relacionados à educação, são duas graduações para cada participante, e, profissionalmente, são todos professores universitários.

Outra questão que chama a atenção nas leituras realizadas é quanto ao espaço de ocupação profissional, sobre o sujeito ser responsável pela sua qualificação, assim como sua busca constante por melhor desempenho no trabalho. Desse modo, cito novamente López-Ruiz, quando ele acrescenta recortes de entrevistas que realizou com algumas pessoas em espaços empresariais:

Cabe à empresa dar oportunidades e transferir conhecimentos? Sim, com certeza. Mas cabe ao profissional buscar essas oportunidades dentro da empresa. [...] Se eu mostro que eu sou capaz, se eu mostro que eu sou disposto, se eu mostro que eu somo ao investimento e vou dar retorno, então a empresa tem que investir em mim (LÓPEZ-RUIZ, 2009, p. 219).

Essa busca por formação, conforme citado, faz parte também do contexto do sujeito surdo, com a formação em Letras Libras, sobre aproveitar as oportunidades, sobre buscar outras formações, mesmo já tendo uma inicial, mas garantido perspectivas futuras sempre melhores de trabalho, se tornando autor de sua própria história e responsável pelas mudanças que deseja alcançar, com todos os beneméritos à circunstância. Nesse sentido, apresento comentário de Schultz (1973), que faz uma relação com os benefícios anteriormente comentados:

- 1) educação como consumo em curso, presente (o qual, parece-me, é de importância menor);
- 2) educação como consumo futuro de longo período, fazendo com que seja um investimento num componente duradouro para o consumidor, que indubitavelmente é de considerável importância; e
- 3) educação para a obtenção de capacitações e conhecimentos úteis ao esforço econômico e, dessa forma, um investimento nos ganhos futuros (SCHULTZ, 1973, p. 57-58).

Segundo Schultz, no qual encontramos uma questão interessante e que se entrecruza com as ideias até aqui apresentadas, “[...] os benefícios obtidos pelos estudantes com a educação são de três tipos: um é *consumo* presente; os outros dois são um *investimento*” (SCHULTZ, 1968, p. 285), consumo e investimento, conceitos e compreensões muito presentes no trabalho, razão pela qual também os associo às escritas dos entrevistados, que já foram estudantes de graduação, nesse contexto.

Um destaque interessante que faço é em relação ao argumento apresentado por Gary Becker, numa palestra em 1980, com referência ao capital humano:

Nos primeiros tempos, muita gente criticou esse o termo e a análise subjacente porque acreditavam que tratava a pessoas como escravos ou máquinas. Minha nossa, como o mundo tem mudado! O nome e a análise são agora aceitos de bom grado pela maioria das pessoas não apenas em todas as ciências sociais, mas também na mídia (BECKER, 1993, p. 16).

De certa forma, esse é um exemplo semelhante ao que aconteceu com o curso de Letras Libras, que recebeu grande influência da comunidade surda, no seu propósito de estudar. Isso por ser um curso que contempla a tecnologia, as redes sociais e que tem, sim, o envolvimento do capital humano. Essa percepção se dá pelo

uso, pelas apropriações que são realizadas pelos sujeitos, o investimento demandado para obter, em contrapartida, as habilidades e conhecimentos para o trabalho.

A pesquisadora surda, Flaviane Reis (2015), em sua tese *A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos*, mostra que, no período de 1997 até 2015, foi crescente o número de concursos para a área e igualmente progressivo o número de surdos aprovados em concursos públicos, ampliando as vagas no mercado de trabalho. Em seu levantamento posterior, em 2015, já eram 174 professores surdos no ensino superior. Uma constatação que se faz, no que tange a esse crescente número, é a consequência da aprovação da Lei de Libras. Esses dados foram fortes influenciadores na tomada de decisão, por parte de muitos surdos, acerca dos estudos, considerando o impacto percebido socialmente. Pois se faz uma comparação entre os números de vagas constatadas em 1997, que era ínfima, e, como anteriormente comentado, posteriormente à Lei, houve um impacto considerável em 2015.

Dos professores surdos analisados em minha pesquisa, vários são concursados e estão entre os 46 dos formados na primeira turma do polo de Santa Maria. Dentre estes, 38 são professores concursados, a maioria atuando em instituições federais, em escolas da rede pública estadual, destacando também os que atuam em instituições privadas e municipais. Se considerarmos que, dentre 46 professores, temos 38 concursados em vagas públicas, é um número significativo. Isso nos mostra o impacto que se percebe em relação ao capital humano, o acesso às vagas de trabalho e, por conseguinte, da busca pela formação e o entendimento de ela ser um benefício.

Logo, para afirmar o exposto até aqui, Flaviane Reis nos fala que:

Os concursos públicos para a área de Língua de Sinais Brasileira são conquistas inovadoras para a comunidade surda, os primeiros concursos iniciaram no ano de 1997 mesmo antes da Lei que regulamenta a Língua de Sinais Brasileira, no início eram poucos professores surdos, e depois os concursos públicos tiveram um grande aumento de professores (REIS, 2015, p. 50).

Reis atualizou esses dados, apresentando-os no III Encontro Nacional de Professores da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior – ENPLES (Figura 1), que aconteceu nos dias 21 a 23 de março do 2018, quando afirmou que havia, naquele momento, 279 professores surdos concursados nas instituições de ensino superior,

evidenciando o processo contínuo de crescimento da ocupação dessas vagas no mercado de trabalho.

Figura 1 – III Encontro Nacional e Professores da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior – ENPLES



Fonte: Arquivo da autora.

Em sua Tese de doutorado, a autora escreve que:

Atualmente, já temos mais de um mil e quinhentos professores formados de Letras/Libras, assim, o decreto beneficiou a comunidade surda. É como se a comunidade surda estivesse presa, trancada em um baú e depois libertada para conhecer uma nova perspectiva, o mundo acadêmico (REIS, 2015, p. 44).

Com a pesquisa de Flaviane Reis, mais uma vez vemos que a Lei e a criação do curso Letras Libras foram grandes incentivadores aos surdos, estimulando tanto para os estudos quanto para a qualificação profissional para o ensino da sua língua. Com a legislação, as condições para que a formação bilíngue para os surdos

acontecesse foram dadas. Também entendemos aqui que a criação da lei foi uma estratégia para ajudar o mercado de trabalho, que, por sua vez, conta com sujeitos mais qualificados e com mais habilidades. Bem, tais dados me deixaram intrigada e serviram de provocação à reflexão sobre como os surdos perceberam e deram importância à efetivação da lei em suas realidades, associando a comunidade e a cultura surda, suas experiências e, principalmente, a Língua de Sinais, o quanto esses fatores colaboraram para um melhor desenvolvimento, trabalho e qualidade de vida.

Uma boa parte do seu capital, por exemplo, será investida dentro do mercado de trabalho, e seu proprietário (antigamente chamado de trabalhador, mas agora uma capitalista) deverá permanentemente analisar a marcha de seu investimento e fazer as mudanças e correções necessárias – por exemplo, mudar de funções, mudar de cargo, mudar de empresa, incrementar a aposta investindo num novo curso, num novo treinamento, numa nova experiência em torno dos quais possa ser capitalista no futuro (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 220).

Assim, apoiada nessa ponderação, começo a análise das entrevistas, observando e relacionando com o objetivo da pesquisa. Apresento, a seguir, alguns recortes das entrevistas dos professores surdos que, posteriormente, seguiram estudando na pós-graduação. Nesses excertos, os professores escrevem sobre sua formação, qualificação e oportunidades, que o consumo da Libras e a formação em Letras Libras como investimento em capital humano.

É interessante destacar que, durante a realização das entrevistas, os entrevistados, ao serem indagados sobre sua escolha pela segunda graduação, reagiram com expressões como de quem estivesse pensando sobre ‘por que mesmo eu escolhi duas graduações?’. Essa era justamente a minha provocação, a fim de compreender o motivo dessas escolhas!

Para começar, um recorte da narrativa da professora Francielle Martins, que explica que já trabalhava como professora e estudante de psicologia, quando o curso de Letras Libras abriu as inscrições e foram disponibilizadas as vagas. Interessou-se pelo curso por perceber que lhe faltava formação, assim:

O tempo foi passando, abriram as vagas para o Letras Libras, neste momento fiquei refletindo sobre eu trabalhar como professora e estudar psicologia, faltava formação específica para professor. Foi quando o Fabiano me orientou, incentivando a estudar o Letras Libras (Francielle).

Acerca dessa fala da Francielle, no capítulo que aborda sobre capital humano, trago ponderações sobre essas questões, pois não significa uma procura individual do sujeito, somente, há um apoio da família também, um investimento dos que estão

mais próximos, uma reflexão sobre o futuro do núcleo familiar e o processo de educação.

Dando continuidade, um trecho da entrevista da professora Renata Bosse, que passou pela mesma experiência da Francielle, com uma família que a apoiou nessa tomada de decisão. Ela comenta:

Minha família em casa me estimulava muito a ler livros, eu realmente lia muito, fui me apropriando de palavras, frases e da estrutura (Renata).

Assim, sentia-se segura para enfrentar esses dois desafios, de cursar Letras Português e Letras Libras. Era grande o estímulo e a vontade de aprender a escrever e ler em Língua Portuguesa, tão grande quanto o investimento realizado para que isso fosse possível, bem como para desenvolver essa habilidade.

Ao pesquisar e comparar, principalmente nesse nicho de formados em duas graduações, os sujeitos acreditam conquistar suas vagas de trabalho a partir de suas buscas por mais formação, com uma ampliação nas possibilidades de ter um emprego. Logo surgem os concursos na área de Libras para os entrevistados que são formados, possibilitando o acesso a essas vagas. Ainda, é possível perceber que, dentre os entrevistados, o uso dos conhecimentos provindos das duas formações é viável.

Quanto ao professor Diogo, seu desejo era trabalhar na área jornalística, porém, a oportunidade que lhe apareceu foi na área de Libras, e ele aceitou, contudo, a sensação era de que estava guardando o seu diploma de jornalista. Ele gostaria de poder continuar usando esses conhecimentos para sua vida, mas seriam outros tempos. Segue recorte da narrativa:

Organizei-me e prestei concurso, fui aprovado para trabalhar, a vaga era para área de Libras, mas pensei no jornalismo, enfim a primeira oportunidade era na área de Libras e comecei a atuar então como professor. Já no jornalismo, posso dizer que a minha carreira foi aos poucos 'desaparecendo', mas continuo escrevendo, publicando, sim, eu continuo escrevendo! (Diogo).

Num contexto muito parecido, o professor Nelson também esteve na perspectiva para ser chamado, tinha duas opções de áreas de trabalho. Tinha o interesse em trabalhar como professor em escola para surdos, lecionando informática, mas não foi chamado. E interesse semelhante aconteceu na área de Letras, mas com o diferencial de conseguir a vaga de trabalho, por conta da qualificação no Letras Libras, deixando guardado o seu diploma de informática. Havia o interesse, e o

mercado de trabalho oferecia vagas para ele nesse espaço, para o trabalho com os surdos, que eram minoria linguística, igualmente poucos surdos em escolas bilíngues, porém, a maioria das vagas eram no ensino superior. As chances de conquistar uma vaga nesse espaço eram maiores e foi o que aconteceu.

Eu realmente achei que poderia ser chamado para alguma vaga, mas nada. Diferente do Letras, que fui chamado, comprovando através do diploma minha qualificação. Claro, posso reafirmar minha aprendizagem efetiva no curso de Letras, mas guardo também o curso de informática, afinal é um diploma, mesmo que esteja uma estátua! (Nelson).

No recorte da fala da professora Bruna, vemos seu desejo por ser professora de matemática, o interesse em conciliar suas duas formações, não deixando nenhuma de lado. Para poder realizar essa vontade, elaborou um projeto, viabilizando que o ensino acontecesse em escolas, através de oficinas, como visto no recorte abaixo. Conciliava o trabalho na área de Libras ao ensino da matemática, usando dos seus conhecimentos, habilidades, dando continuidade ao seu processo de construção, entendendo a necessidade da formação continuada, visto que as transformações no mundo atual são constantes. Assim, foi possível usar das duas formações em seu trabalho.

Não deixei a matemática de lado não, quero organizar como pesquisa para num futuro próximo trabalhar com a extensão e criar oficinas. [...] Penso no futuro poder organizar oficinas, visitas de escolas, elaborar momentos de discussões com professores de matemática sobre como ensinar matemática, rever o currículo, sabemos que precisamos criar muitas coisas, são minha responsabilidade no que tange especificamente à matemática.

Num trecho da entrevista com a professora Renata, ela expõe sua procura por vaga de trabalho, até por uma questão de garantia de vida. Na entrevista, demonstrou sua preocupação em relação ao trabalho, ela ensinava a Língua Portuguesa, mas como seria no futuro? Assim, sua inclinação para o ensino superior se deu também por essa garantia oferecida pelo concurso público, cargo efetivo. Essa efetividade a deixava mais confortável em termos de segurança financeira, por isso estudou e passou para a vaga de professor universitário. Sua preocupação também tinha a ver com a questão de capital humano, conseguir conciliar os dois conhecimentos, de Letras Português e Letras Libras e, dessa forma, conquistar sua garantia financeira para uma maior tranquilidade em sua vida. Segue comentário:

Passando um tempo, segui outros caminhos, surgiu a oportunidade de eu prestar prova para um concurso, fui tentando lugares para trabalhar. Até porque, a Rumo Norte, era particular, uma instituição muito pequena, me preocupava com o futuro, queria ter garantia para a minha vida (Renata).

A professora Francielle também fez observações acerca de si mesma, e sobre a vantagem de ter duas formações. Inicialmente trabalhava como professora, resolveu estudar Letras Libras e também a psicologia. A oportunidade de trabalho veio, a vaga era no ensino superior, associando Libras e Psicologia em disciplinas da universidade. Esse foi o momento no qual definitivamente se deu conta do quanto foi vantajoso para ela essas duas escolhas, esse investimento. Eram áreas distintas, mas que perfeitamente se afunilaram ao longo da sua caminhada. Abaixo um trecho de sua narrativa:

Então, hoje uma observação que faço sobre mim, posterior às duas formações, é que consigo aproveitar muito das duas áreas, pois trabalho na universidade, como professora da disciplina de Libras, fui convidada para atuar em disciplina optativa no curso de Psicologia. Assim, aproveitei das duas formações, na disciplina de Libras I e II, com tempo vago, atuando também no curso de Psicologia, na disciplina Psicologia e Surdez, nesta já foram três vezes que ministrei a disciplina, com estudantes ouvintes em sala, com a presença de duas intérpretes de Libras (Francielle).

Em relação à narrativa da professora Carolina, já na fase final das entrevistas, ela se percebe nesse contexto do capitalismo. Foi bem interessante o momento em que percebeu isso, pois é quando ela relaciona todas as absorções possíveis, um exemplo é a área de Libras, na qual queria muito trabalhar. Ela faz menção ao concurso público, e, em relação ao edital, percebe que o principal é a busca pela sobrevivência. E esse entendimento faz conexão direta com o capitalismo e traz a clareza do quanto ele exerce influência sobre sua vida. O processo educacional envolve as graduações, o mestrado, o doutorado e é quando percebe a situação em paralelo com a globalização, assim, afirma que:

Percebo que há uma influência do capitalismo sobre essa questão, muito forte ainda, também uma questão muito individualista, sobre a preocupação consigo mesmo, em ter recursos para seu próprio sustento, sobrevivência. Mas graças, passei no primeiro concurso, outros concursos foram abertos também, mas ainda com algumas poucas falhas (Carolina).

Muitos elementos são indicados nesses trechos das entrevistas e que fortalecem os conceitos e argumentos até aqui apresentados: todos os pesquisadores não se restringiram a estudar somente uma graduação, mas houve uma constante busca por formação, investimento em capital humano. E, para complementar, considerando a questão de capital e consumo, é oportuna a citação de Iolanda Santos e Viviane Klaus quando fazem referência à pessoa que é protagonista das suas próprias mudanças, que tem urgência na valorização e investimentos em si mesmos.

Eis também uma possível razão pela qual não pararam de estudar, assim destacam as autoras, “[...] sujeito empresário de si – que modifica o seu capital humano através de vários investimentos para aumentar as suas rendas precisa muitas vezes buscar de maneira isolada a solução para os seus problemas” (SANTOS; KLAUS, 2013, p.38)

As pessoas capitalizam-se consumindo e podem fazê-lo de inúmeras formas: capitalizam em qualidade de vida, por isso é legítimo investir em viagens; capitalizam na própria carreira, por isso é legítimo investir tempo e dinheiro em treinamentos; capitalizam em relacionamentos, por isso é legítimo investir em sofisticados e caros objetos de *design* na decoração de suas casas; capitalizam em cultura, por isso é legítimo investir em cursos acelerados que deem os códigos sistematizados para que a fast culture possa ser digerida-comentada-capitalizada (BECKER, 1996, p. 4-5).

Essa citação nos remete à reflexão sobre o quanto podemos criar nossos próprios espaços, sem restringir-nos à educação. Por exemplo, criar o próprio canal do YouTube, projetos, trabalho com vendas, venda de botons ou semelhantes, com símbolos em Libras, materiais da área de Libras, como dicionários, materiais que mostram diferentes configurações de mãos¹⁷ para a área da educação, revistas literárias, entre tantos outros. Todos esses exemplos nos indicam o investimento que podemos fazer em nós mesmos. Igualmente, o acesso aos espaços da arte, como saraus surdos, exposições que incluem artefatos culturais do povo surdo. Essas ideias, sim, estão associadas ao investimento de capital e aos benefícios por ele trazidos, um processo legítimo. Para exemplificar tais processos de investimento de capital humano, apresento o que os entrevistados, participantes dessa pesquisa, criaram, a saber.

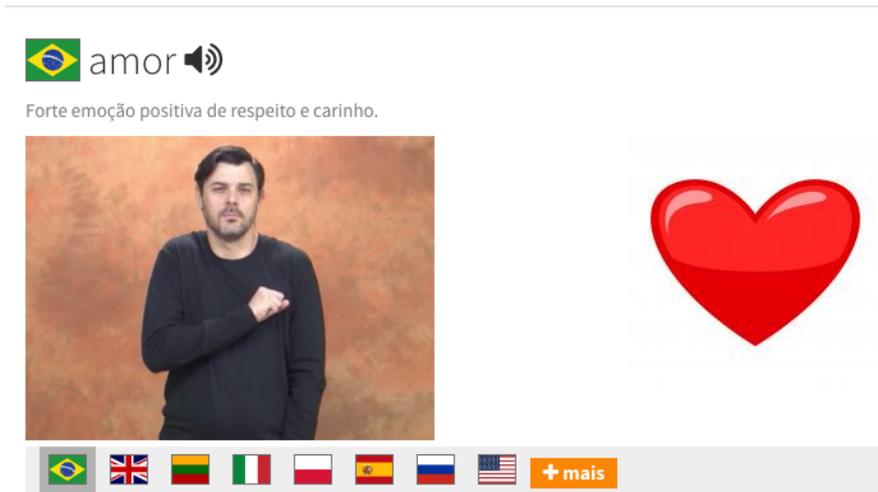
A professora Renata Bosse em sua narrativa, indica a experiência que tem sobre tecnologias, considerando suas formações em Letras e Letras Libras, e o que realmente gosta é de fazer tradução e adaptação da LP para surdos

Sei ler, pensar sobre a adequação, adaptar para a Língua de Sinais. Por exemplo, já trabalhei na Arara Azul, com projetos financiados pelo MEC, de livros didáticos que eram distribuídos para alunos surdos inseridos em escolas inclusivas. Esses livros continham CD com tradução do conteúdo para Libras. Eu lia sobre qualquer disciplina, posteriormente fazia a tradução para a Libras, essa foi minha primeira experiência. Depois disso, o vestibular, o Instituto me chamou, para realizar tradução de vestibular, do Enem, em Santa Maria UFSM, onde também atuo realizando vários trabalhos de tradução. Bem, quando passei no concurso do Instituto, fui chamada para trabalhar numa área que combina muito comigo, que é a de tradução. Eles têm disciplinas específicas que são de tradução e em várias áreas. Bem essas são minhas experiências (Renata).

¹⁷ Por exemplo, de um material de configuração de mão: <<https://www.youtube.com/watch?v=ipseaaNd3Gk>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

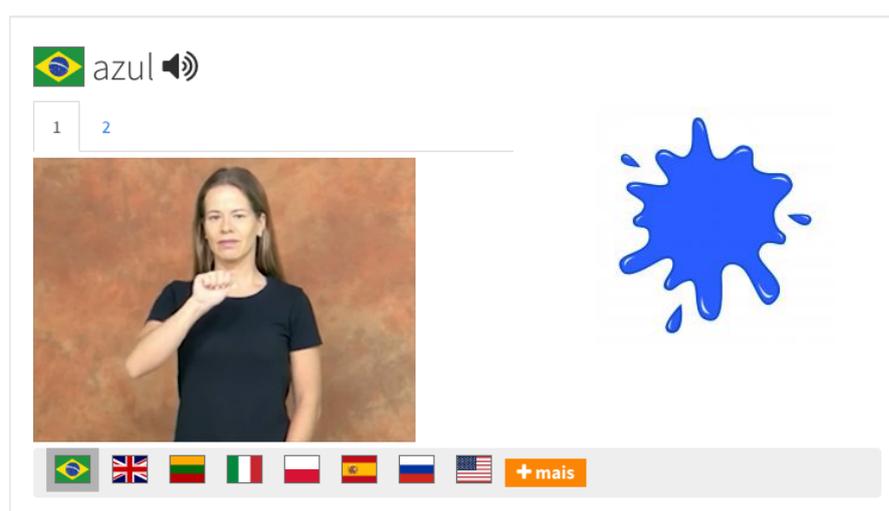
O projeto *Spread the sign*¹⁸ faz parte do GIPES, consiste em um trabalho com dicionários de línguas de Sinais de inúmeros países. Há uma equipe de professores que pesquisam, estudam e discutem os sinais; Nelson e Renata faziam parte do projeto (Figura 2 e Figura 3):

Figura 2 – Projeto *Spread the sign*



Fonte: Site do projeto.¹⁹

Figura 3 – Projeto *Spread the sign*



Fonte: Site do projeto.²⁰

¹⁸ Página do site, disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

¹⁹ Página do site, disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

²⁰ Página do site, disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Outro professor, Diogo, não interrompeu a prática do jornalismo, como literatura, de modo a continuar a escrever sobre o surdo, e usa o passatempo na sua conta do Facebook. Na entrevista, ele afirma que trabalha na área de Libras e também na disciplina comunicação e expressão, que também envolve literatura. Veja o recorte da entrevista:

Atualmente trabalho como professor de Libras, concursado já há 8 anos, mas não leciono somente aulas de Libras, atuo também em outras, como por exemplo literatura, na disciplina de comunicação e expressão, que tem muito a ver com a minha formação em Jornalismo, unido ao que aprendi no mestrado e no doutorado, posso dizer que essa soma de conhecimentos colaborou para a minha formação (Diogo).

Figura 4 – Tirinha do Diogo Madeira



DIOGO MADEIRA



Fonte: Acervo pessoal do Diogo no Facebook.

Figura 5 – Tirinha do Diogo Madeira 2



Fonte: Acervo pessoal do Diogo no Facebook.

A professora Carolina Sperb criou inúmeros projetos: práticas integradas da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais; curso preparatório PROLIBRAS²¹; Língua Portuguesa como segunda língua; Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa: perspectiva bilíngue; curso preparatório para o Letras Libras; formação continuada para professores da Língua Brasileira de Sinais; Relatos de experiência do Eu surdo! e sinalizantes. Na entrevista, a professora Carolina explica que a academia é importante, mas quer mais ação na escola de surdos, não se deve apenas começar e encerrar pesquisas e esquecer da prática na escola:

Mas é importante e imprescindível associar a academia à ação. Fico pensando sobre retermos tanto conhecimento, pra quê? Estudar o mestrado ou doutorado, mas estudei os estudos culturais, filosofia e diferenças, as teorias também, mas as escolas estão sucateadas, fracas [expressão não tem como explicar]. Sim, percebo uma grande influência do capitalismo. Agora eu espero e torço, com base no que estou vendo, que é possível melhorar, os estudos acadêmicos associados às escolas, mestrado ligado à graduação e esta, por sua vez, também preocupada com a escola, todas as áreas interligadas. Não como se fossem níveis acabados, me graduei e não preciso mais me preocupar com a escola ou, ainda, como se fossem níveis de ensino isolados, sem ligação com os outros espaços. Isso não queria bem assim (Carolina).

²¹ A PROLIBRAS é uma proficiência da Língua Brasileira de Sinais.

Para complementar minha pequena narrativa, fiz o curso preparatório para o Letras Libras incentivado pela professora Carolina. Como não havia aprendido a gramática de Libras, como faria vestibular sem um conhecimento linguístico básico de Libras? Se não fizesse esse curso, acredito que não passaria no vestibular. Logo, foi graças a ela que me formei em Letras Libras, incentivada por ela.

A professora Bruna nos conta que percebeu a falta de formação de professores surdos, por exemplo, no curso de matemática. Não havia uma teoria sobre como os professores surdos deveriam trabalhar na escola de surdos, e ela pensou em criar os projetos de extensão para ajudar outras pessoas:

Vejo que é difícil um curso de capacitação, formação de professores surdos, por isso eu aproveitei a oportunidade. No início foi um desafio, exigia um grande esforço meu, eram várias as estratégias, mas ao passar do tempo isso foi mudando, percebia isso em mim, minhas observações sobre as práticas, minhas percepções, buscas por materiais oferecidos no Letras/Libras, na matemática, conseguindo assim focar no conteúdo, nas metodologias, no ensino da matemática. Igualmente nos estudos do Letras/Libras, busca por materiais, reflexões, conhecimentos e informações. Sempre vendo uma área auxiliar a outra (Bruna).

Na sua dissertação, ela explica como trabalha com a área de matemática para surdos, e como ela relaciona, utilmente, suas duas formações, Libras e Matemática:

[...] ministrando oficina sobre *Jogos Matemáticos on-line: uma abordagem para as Séries Iniciais e o Ensino Fundamental*, onde os trabalhos foram apresentados em tela virtual. Os jogos, como instrumento de motivação, servem para que o aluno sinta-se desafiado a aprender, raciocinar e elaborar questões. Em 2010, ministrei aula de Matemática, de preparação para a prova do ENEM como aluna docente no Projeto Cursos Populares do ENEM, sob a orientação da professora Tânia Elisa Seibert do curso de Matemática, na ULBRA, para quatro estudantes surdos, do Colégio ULBRA Especial Concórdia, revisando conteúdos e apresentando novas atividades de reforço para que eles estudassem para o exame. [...] Trabalho como coordenadora voluntária do Fórum de Estudos Surdos, na área de Matemática, Física e Química (FESAMFQ), vinculado a FENEIS desde 2011, pesquisando sinais de Matemática, Física e Química para o ensino de alunos surdos. Promover palestras sobre currículo, experiências de trabalho, materiais didáticos e jogos também faz parte desse projeto. Todo esse trabalho será voltado para a criação de um dicionário de sinais na área da Matemática, em DVD, com o objetivo de facilitar o entendimento entre alunos, professores e intérpretes e ampliar os sinais na área, despertando no aluno surdo o gosto pela Matemática e o entendimento que ela – a Matemática – está inserida em todas as nossas ações (ALBERTON, 2015, p. 22).

Em minha perspectiva, o que os estudos, escolhidos e realizados pelos professores entrevistados, têm, em comum, é justamente a possibilidade de contribuir para a comunidade surda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este curso LETRAS/LIBRAS representa um empoderamento na Educação de Surdos: é um caminho de ouro, seriam quatro anos de ouro (não de prata), para que surdos possam se desenvolver muito. Espero que após quatro anos o curso represente uma grande mudança na educação de surdos de surdos no Brasil – eterno ouro (SILVEIRA, 2007, p. 186-187).

A autora Carolina Silveira, em seu artigo para o Caderno dos Estudos Surdos II, fala sobre sua observação em relação ao curso Letras Libras, destacando que é uma formação que vale ouro, com influências importantes para o futuro. Essa é uma fala que vai ao encontro da opinião de outras professoras, também surdas, como é o caso que veremos em seguida. A entrevistada, Carolina Sperb, ao se deparar com a leitura do artigo de Silveira, se empoderou de um sentimento de representante da área da educação de surdos e também da comunidade surda, pois o trabalho executado é, também, no intuito de instigar o desenvolvimento dessa comunidade. Esse objetivo é percebido também nas falas dos demais entrevistados, suas preocupações em relação à garantia, sendo a Libras considerada uma garantia.

Em concordância com a citação acima, trago um trecho da entrevista da professora Carolina Sperb,

[...] já em Letras Libras, [sem palavras] algo de ouro. Lembro bem que Carolina Silveira escrevia sobre o mestrado dela, ela acredita que nesses quatro anos de formação, vai ser que o Letras Libras valeria ouro. E isso é verdade (Carolina).

A entrevistada se percebe numa relação de capitalismo e, no contexto da entrevista, isso significa que o desejo pelo trabalho na área da Língua de Sinais é muito presente e marcado pelas possibilidades desse interesse se tornar real. Durante a narrativa, ela cita os editais dos concursos públicos, deixando claro que esse conhecimento confere uma possibilidade de sobrevivência. Há um entendimento claro sobre o capitalismo, uma percepção individual acerca das influências por ele geradas. Ela aponta falhas no recurso do edital, sob sua perspectiva, significando aqui o capitalismo. Pela narrativa, percebe-se essa construção e desenvolvimento individual, com a formação continuada, graduação, mestrado e doutorado, resultando numa nítida percepção no que tange à globalização e à circulação do capital.

Em tempo, trago um trecho de dissertação da Renata, que contribui para o processo de entendimento dos conceitos até aqui apresentados:

O baú de poesias está prestes a ser fechado. Mas espere! Não podemos fechá-lo! É preciso mantê-lo entreaberto, para que esses poemas continuem nos provocando sensações, leituras e vivências diferentes, além de muitos outros estudos que podem ser desdobrados futuramente! (BOSSE, 2014, p. 89).

Utilizo a imagem do baú fechado, inspirada na tese de Renata, mas em um outro sentido. No baú fechado deve ficar a perspectiva do rótulo, do que o outro pensa sobre o surdo, quando o julga como incapaz, nas coisas que ele não pode fazer, tornando-o invisível. Aqui, para enriquecer a ilustração, trago a escrita de Paddy, quando citou o poeta Barry (2013, p. 123), fazendo referência aos surdos como pérolas:

Os Surdos são como uma pérola enterrada na casca; todos os Surdos têm competências nas pérolas. E crianças surdas têm as delas também; elas esperam nas suas conchas no fundo do mar, esperam que os adultos vão lá abaixo. Por quê? Porque eles têm tantas competências para mostrar, se ao menos abrissem sozinhos as conchas e saíssem graciosamente e se apresentassem aos miúdos surdos. Dar às crianças a hipótese de os acolher e transmitirem-se aos outros. Todo este tempo estiveram sentados no fundo do mar, vegetando tristemente. Por quê?!

A ideia é entendermos que não se pode permanecer num baú e nem como pérolas, mas, sim, deve haver um processo contínuo de consciência, de trabalho, esforço, os surdos devem agir e pensar em seus futuros. Pois o que não podem é esmorecer, e aqui aproveito para destacar também a questão do registro, que não pode ficar perdido, existe uma comunidade que precisa dessa garantia, até para salvaguardar a Língua. A língua, para o povo surdo, é seu patrimônio, não envolve somente a educação de surdos, mas sim o cotidiano do sujeito, sua vida em sociedade e suas apropriações em meio a todo esse contexto. Afinal, é um povo com língua própria, que é sua L1, mas que faz uso de outras para conseguir se comunicar com as outras pessoas. Mais uma vez se reforça, com base nesses pontos, a importância dos registros. Esses registros podem se dar através de vídeos ou escrita de sinais, mas devem, impreterivelmente, evidenciar a Língua de Sinais. Caso isso não ocorra, para a comunidade surda é um enorme prejuízo, um retrocesso, mas é preciso sempre retornar, para que não se percam suas identidades. A luta deve ser pela garantia da continuidade e seu patrimônio linguístico. Para complementar e reforçar o que até aqui

foi dito, Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lunardi-Lazzarin (2011, p. 21) acreditam também que

[...] além do registro das produções culturais de pessoas surdas através da escrita em língua de sinais e de traduções para a escrita da língua portuguesa, outras formas de documentação, como filmagens, são fundamentais para o registro das produções culturais que vão se perdendo ou se transformando.

Assim, para além de compreender o que se insere na língua do povo surdo, “Os aparatos do campo teórico dos Estudos Culturais nos dizem que compete-nos construir nossa cultura, descobri-la, publicá-la, enfatizá-la, elevá-la ao nível de cultura e construir um povo encorajado e forte” (PERLIN; REIS, 2012, p. 32).

Na sequência, com todo esse delineamento sobre o contexto que envolve o sujeito surdo, um trecho da entrevista da Carolina:

Na grande maioria, as pessoas se acomodaram a receber passivas as informações, trabalhar muito com suas mentes, refletir. Mas seus corações ficam aguardando, onde está o movimento, o agito, o sinalizar, isso realmente falta, levantar para agir. Até me emociono, pois quando eu era jovem, era como se eu me sentisse com as mãos amarradas. Imagine se pudéssemos ou tivesse como interagir com nossos talentos, íamos incendiar os espaços! (Carolina).

Aqui, a entrevistada envolve, em sua fala sobre o saber, suas inquietações e suas emoções. Ela relata sobre as observações que faz do surdo, suas preocupações com o espaço social, a possibilidade do trabalho, a aprendizagem adquirida no Letras Libras, o tempo de experiência, de observações e os acontecimentos. Ela relata o quanto se sente responsável em conseguir incentivar e estimular o surdo, isso faz toda a diferença, esse desejo ardente de contribuir com o outro, que é o povo surdo.

A fala da Renata nos indica também um contexto interessante. Ela cresceu em uma escola para surdos, mas tinha a sensação de que faltava algo e, ao estudar no Letras Libras, se sentia completa. Claro, no curso de Letras, suas aprendizagens aconteceram, mas, ainda assim, o sentimento de lacuna era presente. O curso de Letras Libras, para além dos conhecimentos, proporcionou prazer, era sua língua evidenciada ali, eram os conhecimentos que lhe davam a certeza da plenitude. Pois, além dos conhecimentos, contemplava a cultura surda e o entendimento sobre tudo o que se aprendia.

Estudava Letras Libras com muito prazer. Claro, aprendi muito no curso anterior, de Letras, muitas coisas relacionadas à área, mas com foco para ouvintes Já no Letras Libras, era outra perspectiva, eu cresci em escola para surdos, mas essa experiência agora também para surdos, com a Libras, minha língua, sim era algo muito bom (Renata).

A entrevistada Bruna também manifestou o seu desejo por estudar matemática e poder trabalhar na área, não a deixando de lado por conta do curso de Letras Libras, pelo contrário, conciliando essas duas áreas de conhecimento. Para tanto, organiza projetos que oportunizem o trabalho em escolas, oficinas. Ela não agiu como outros entrevistados, que optaram então, apenas, pelo curso de Letras, mas sim faz uso das duas formações. O uso dos conhecimentos adquiridos nesse espaço é simultâneo e presente em seu trabalho, pois trabalha com a Libras e paralelamente, em outras oportunidades, coloca em prática o uso da matemática, envolvendo o conhecimento e as habilidades adquiridas, num constante processo de construção, cuidando para não deixar o que aprendeu, na sua formação inicial, se esvaír. Está sempre em busca de qualificação e conhecimentos, pois entende que o mundo vive em transformação, sempre com muitas novidades, facilitando também o constante link entre as duas áreas de formação.

Sorte que muitas foram as aprendizagens no Letras Libras, que me auxiliam a compreender como ensinar matemática, por isso digo que são duas áreas que para mim se conciliaram bem. Ensinar, interagir me faz muito bem!

Para o entrevistado professor Diogo, próximo ao que aconteceu com a professora Bruna, houve mudanças incríveis na sua vida, ao se deparar com semelhantes a ele. Ele conheceu surdos bilíngues como ele, que sabiam a Libras e o Português, conseguiu interagir mais, foi realmente um marco em sua vida. Abaixo, um pouco da sua fala:

Claro, o Letras Libras também mudou a minha vida, principalmente no quesito autoestima, pelo encontro com os iguais, sujeitos bilíngues e de outros estados, essa interação me ajudou muito (Diogo).

O entrevistado professor Nelson comenta sobre o quanto é grato ao Letras Libras, pois nesse curso havia a sua língua, a principal, a marca da cultura surda estava presente nas aulas, nos materiais. Ele comenta que não é em qualquer lugar que se encontram pessoas surdas adultas com conhecimentos sobre Libras, é algo que não se pode perder, uma oportunidade de garantia do conhecimento de Língua. Não é algo simples, como socialmente se observa, das pessoas aprenderem uma língua de outro país. Há também o orgulho de ser surdo, a cultura surda, por isso, enfatiza a necessidade de o surdo conhecer primeiro sua própria língua, para seu empoderamento, tanto adultos quanto crianças, um sentimento que deve estar

presente. Assim, todos juntos podem conseguir fazer a defesa dessa minoria, algo que não se pode perder, mais uma razão para se estimular muito quando se encontra uma oportunidade como essa. A existência do curso e o aprendizado da língua auxiliam também para a manutenção da história, uma vida com mais segurança e conforto, sem limitações ou barreiras, com a satisfação de ter sua própria língua. Segue trecho da sua narrativa:

Eu realmente sou muito grato ao curso de Letras Libras, pela importância, pelo valor, por toda aprendizagem, por toda ajuda oferecida, pelos diferentes conhecimentos (Nelson).

Logo, podemos dizer que eles se incorporaram, tornaram-se parte do processo de consumidorização ao possuírem duas graduações e fazerem uso dos conhecimentos envolvendo o Letras Libras, a Libras e Redes Sociais, com os vídeos em língua de sinais. Envolve-se o que se constrói com esses conhecimentos e tudo o que dele é abstraído. Cito Osvaldo López-Ruiz (2007, p. 43),

Como o aprendido na universidade já não é suficiente para avançar na carreira, é necessário estar em permanente processo de formação. É nessas cidades que se reúne a oferta de cursos de todo tipo para suprir a demanda de mercado dos que constantemente necessitam enriquecer seu curriculum.

Abaixo, citação que complementa o alerta de López-Ruiz, quanto à constante busca pela formação e reflexão sobre capital humano, o que fazemos com o que construímos a partir de nossas buscas pelo conhecimento:

Num local de trabalho em que se aplique conhecimento intensivo, as pessoas acreditam que o aprender novas habilidades as ajudará a encontrar e manter um emprego satisfatório – um emprego que pague alto retorno pelo investimento de seu capital humano. Além disso, a satisfação que advém da aprendizagem é, em si mesma, um retorno do capital humano que o trabalhador aplica no emprego (DAVENPORT, 2001, p. 22).

Essas falas são bem coerentes e tem a ver diretamente com o que os entrevistados trazem em suas narrativas, a necessidade que sentem pela busca do conhecimento em duas graduações, o desejo de continuar nessa busca ao estudarem o mestrado, o doutorado, não parando na base, que é sua formação inicial. Seus projetos pessoais preveem a formação continuada. Bem como comentado por Davenport, em relação à satisfação, sentimento presente nos entrevistados, quando relatam seus trabalhos na área de Libras, por ser pertencente à sua língua. É um processo contínuo, que tem como retorno o investimento almejado. Não é somente o

tipo de investimento que sai, ele tem retorno, é um processo recíproco, há um aproveitamento entre o que se oferece e o que se recebe, uma troca capitalista. O investimento sai, mas ele também volta, há uma satisfação.

Um outro contexto indicado no trabalho, que se relaciona com essa troca, esse aproveitamento, são os espaços virtuais, lembrando que o foco da pesquisa não são esses espaços, a observação da tecnologia, o mundo contemporâneo e como o surdo hoje transita nesses espaços. O uso da tecnologia acontece inevitavelmente pelo acesso às informações, que são facilitadas por estarem disponíveis em formato de vídeo, já que a dificuldade quanto à leitura e escrita é recorrente para alguns surdos, além de propiciar uma maior interação também. Pinheiro, falando da internet, nos aponta:

A internet toma agora um lugar além das trocas ou encontros virtuais, sendo mais que isso é um lugar de produção de conhecimentos, culturais, identidades e resistência. É possível afirmar que o ambiente virtual Youtube, nesse contexto midiático, é uma rede social onde se estabelecem relações produtivas. Os surdos, ao fazerem uso desse espaço como consumidores e produtores de sua cultura, estão fazendo circular representações e dando visibilidade à língua de sinais, promovendo um espaço de ensino, comunicação e relação com outros surdos ou ouvintes (PINHEIRO, 2011, p. 34).

Podemos relacionar essa citação com o Letras Libras, ao compreender que ele ocorreu em alguns polos espalhados pelo Brasil, e que, a interação entre eles, as trocas, os conhecimentos e informações sobre os espaços, sobre a Língua, tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado, acontecia por meio dessa tecnologia também, da internet – ela fazia parte do curso – pois a modalidade de estudo era EAD.

Queria retomar, por fim, a minha pergunta geral, se a Língua de Sinais, principal marca surda, pode ser entendida como objeto do consumo e, a formação para a docência em Letras Libras, um investimento em capital humano. Assim, que experiências são narradas por professores surdos, egressos do curso de Licenciatura em Letras Libras, que fizeram esse curso como segunda graduação? Nessas entrevistas, há a valorização da Língua Brasileira de Sinais como patrimônio, e, mesmo com interesse por outros cursos, eles ingressaram no curso de Letras Libras, quando nem imaginavam a importância desse curso para a comunidade surda, que ensina o que é cultura surda, não só a Língua de Sinais. Sobre isso, não poderei deixar de repetir o trecho do prefácio do livro *Estudos Surdos II*, de Gládis Perlin (2007, p. 11), “Hoje, saídos dos esconderijos, das sepulturas, liberados para a cidadania do

nós, estamos em movimento. Certas facetas do mundo contemporâneo nos remetem a olhares diferentes em diferentes sentidos”. Segundo Yúdice (2013, p. 243) “[...] penso que eles acreditam ser possível fazer o jogo da cidadania através do meio consumidor, não somente de mercadorias, mas principalmente, de representações”.

REFERÊNCIAS

- ALBERTON, Bruna Fagundes Antunes. **Discursos curriculares sobre educação matemática para surdos**. UFRGS, 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Revisão técnica de Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Título original: Postmodernity and its Discontents.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Título original: Consuming Life.
- BECKER, Gary S. **Human capital: a theoretical and empirical analysis, with especial reference to education**. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- BECKER, Gary S. **Accounting for taste**. Cambridge: Massachusetts: Harvard University Press, 1996.
- BOSSE, Renata H. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. UFRGS, 2014 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 79, seção 1, p. 23, 25 abr. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 246, seção 1, p. 28, 23 dez. 2005.
- BRITO, Fabio. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. USP, 2013. 275 f. Tese (Doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturas da globalização**. Tradução de Maurício Santana Dias. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- DALL`ALBA, Carilissa; SARTURI, Cláudia de Arruda. Movimento surdo articulado com a educação de surdos: espaço de lutas e resistências no cenário contemporâneo. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5., 2012, São Carlos. **Anais [...]** São Carlos: UFSCAR. p. 8756-8768.

FELCZAK, Eliton. A Modernidade Líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo. **Vida Pastoral**, São Paulo, n. 302, ano 56, 2015. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/a-modernidade-liquida-ea-vida-humana-transformada-em-objeto-de-consumo/>>. Publicado em março-abril de 2015.

FÉLIX, Jeane. **Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bater-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 135 -154.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Documento 008561/1999 - Que educação nós surdos queremos?**. Elaborado pela comunidade surda a partir do Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GOETTERT, Nelson. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita**. UNISINOS. 2014, 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da Ulbra, 2011.

KLEIN, Madalena. (Org.). **Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador**. In. SKLIAR, Carlos (Org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. p. 75 - 92

KRAEMER, Graciele. **Estratégias de governo dos sujeitos surdos na e para Inclusão escolar**. UFRGS, 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 1: colonização dos surdos**. Surd'Universo, Portugal, 2013.

LANE, Harlan. Serão as pessoas surdas deficientes? In: BISPO, Maria; COUTO, André; CLARA, Maria do Ceú (Coord.). **O Gesto e a palavra I: antologia de textos sobre a surdez**. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2006. p. 25-55.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOPES, Luciane. **Emergência dos estudos surdos em educação no Brasil**. UFRGS, 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais Surdos. In: VIEIRA, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (Org.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 116-137.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. O consumo como investimento: a teoria do capital humano e o capital humano como *ethos*. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 217-230, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4515>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

MADEIRA, Diogo Souza. **Memórias Linguísticas de Jorge Sérgio Lopes Guimarães**. UFPEL, 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MARTINS, Francielle. **Discursos e Experiências de sujeitos sobre audismo, deaf gain e surdismo**. UFPEL, 2013 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Capão do Leão, 2017.

PERLIN, Gládis. Prefácio. In: VIEIRA, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (Org.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 7-10.

PERLIN, Gládis; REIS, Flaviane. SURDOS: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, Gládis, STUMPF, Marianne (Org.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 29-46.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no YouTube: consumindo a cultura. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 29-40

QUADROS, Ronice. **Letras LIBRAS**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice M.; STUMPF, Marianne. **Letras Libras EaD**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 9-35

QUADROS, Ronice. M.; CAMPELLO, Ana Regina. A Constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. In: VIEIRA, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (Org.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 15-47.

RANGEL, Gisele M. História cultural da pedagogia dos surdos: 15 anos depois. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Org.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 213-225.

REIS, Flaviane. **A docência na educação superior**: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos. UFU, 2015. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

ROCHA, Solange. **Memória e História**: a indagação de Esmeralda. Petrópolis: Arara Azul, 2010.

SANTOS, Iolanda; KLAUS, Viviane. O imperativo da inclusão e o sujeito empresário de si na contemporaneidade. **Pedagogia y Saberes**, Bogotá, n. 38, p. 31-40. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603/1486>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

SANTOS, Laymert G. Apresentação. In: LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

SCHULTZ, Theodore W. Capital, Human. In: SILLS, David L. (Ed.) **International Encyclopedia of the social sciences**. New York: Macmillan & Free Press, 1968. p. 278-287.

SCHULTZ, Theodore W. **O capital humano**: investimento em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVEIRA, Rosa. A entrevista na pesquisa em educação - uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II** - outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2007. p. 119-141.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In. SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

SPERB, Carolina C. **O ensino da língua portuguesa ao atendimento educacional especializado (aee) para surdos**. UFRGS. 2012, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

THOMA, Adriana. Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 755-775, jul./set. 2016a. ISSN 0100-3143. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661087>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

THOMA, Adriana. **Inclusão, Subjetivação e Governo das Diferenças na Educação**. Projeto de Pesquisa aprovado pela COMPESQ EDU e PROPESQ UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016b.

THOMA, Adriana; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 107-131, maio/ago. 2010. ISSN 2178-079X. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603/1486>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

VARGAS, Roberto D. Estúdio de videoconferência diminuindo a distância entre professor e alunos no EaD. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Letras Libras EaD**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p.129-140

YÚDICE, George. **A convivência da cultura: usos da cultura na era global**. Tradução de Marie-Anne Kremer. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a como voluntário/a a participar da pesquisa LÍNGUA DE SINAIS COMO OBJETO DE CONSUMO E A FORMAÇÃO EM LETRAS-LIBRAS COMO INVESTIMENTO EM CAPITAL HUMANO: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES SURDOS. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado em Educação junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo geral conhecer e analisar as experiências de formação e atuação de professores surdos egressos da primeira edição do curso de licenciatura em Letras Libras do polo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para isso, serão realizadas entrevistas narrativas com surdos egressos da primeira turma do Curso de Letras LIBRAS – Polo UFSM.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA

Você será esclarecido/a sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

RISCOS E BENEFÍCIOS

As entrevistas serão filmadas porque os sujeitos são surdos e suas narrativas serão feitas em língua de sinais. Nesse sentido, será assegurado a eles que não haverá risco de divulgação de imagem.

Como benefício, apontamos a publicação da produção do conhecimento que resultará da pesquisa.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____
fui informada/o dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas

informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Em caso de dúvidas, poderei chamar a estudante/pesquisadora Bruna da Silva Branco, no telefone (51) 99762-3258 e e-mail bruninha_branco18@hotmail.com, ou a professora orientadora Adriana Thoma, no telefone (51) 33084365 (Departamento de Estudos Especializados/FACED) e e-mail asthoma@terra.com.br.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Entrevistado

Nome completo do Participante

Assinatura do Participante

Bruna da Silva Branco

Nome completo da Pesquisadora

Assinatura da Pesquisadora

Adriana da Silva Thoma

Nome completo da Orientadora

Assinatura da Orientadora

Local e Data: